



Fundação Universidade de Brasília

MEMORIAL

Vânia Bambirra

## I N D I C E

	PAGINA
1. O Contexto Familiar e a Opção Profissional	2
2. O Contexto Social e o Direcionamento da Opção Profissional	6
3. A UnB: O Projeto Abortado em 1964	19
4. O Chile: de como adquirir a dimensão da América Latina	24
5. O Interregno Panamenho	44
6. O México: A Miscelânea e a Nuances das Cores do Continente	47
7. A Volta ao Brasil	62
8. A Volta à Brasília	91
9. A Modo de Conclusão	94
10. Notas	99

## 1. O Contexto Familiar e a Opção Profissional

Devo começar a narração desta autobiografia acadêmica localizando-me, brevemente, no contexto da micro-unidade social que é a familiar para, em seguida, inserir-me no contexto mais amplo da sociedade como um todo, pois ambas condicionaram minha opção profissional.

Os chefes da minha família provinham de extremos opostos: minha mãe, de origem italiana, havia sido muito rica; meu pai, brasileiro miscigenado, muito pobre. Ela, burguesa, com atitudes herdadas ou adquiridas, quem sabe, de nobreza; ele artesão interiorano, alfaiate, com uma profunda raiz popular; ela, com curso secundário e com uma inteligência média; ele com curso primário, dado pela sua mãe que era professora, com uma inteligência viva, mas sobretudo com um sentido de justiça exacerbado que, muitas vezes eclipsava sua razão e o tornava um visionário. Foi assim natural a sua entrada no Partido Comunista do Brasil e a entrega paulatina a este dos bens adquiridos com a herança da esposa.

O baixo nível de vida a que a família ficou submetida explicou, por muitos anos, o seu rancor, que a fez tornar-se anti esquerdistas o que só o tempo arrefeceu. Nesse ambiente de conflitos, recalques e revolta, que culminava muitas vezes em brigas corporais, bem ao estilo "pastelão", eu fui a

única "ovelha negra", por encantar-me, desde pequena, com os ideais pregados pelo meu pai.

Minha mãe, traumatizada pelas carências, insistiu que eu fizesse o curso de normalista, para que tivesse logo uma profissão e fosse capaz de sobreviver por conta própria. Acedi, sabendo que não tinha nenhuma vocação pedagógica para lidar com crianças e até hoje tenho a maior admiração pelas pessoas que a têm. Fui reprovada no primeiro teste: minha irmã "mais velha"- como se costumava dizer em Minas Gerais - teve de viajar e me pediu para substituí-la, durante três dias, no "Grupo Escolar" onde lecionava, numa periferia, aliás perto da nossa casa. É pouco dizer que não consegui ensinar nada. O "lupem-infantil" me dizimou. As crianças reagem muitas vezes por instinto - como o cavalo que sabe quem sobe à sua sela - e repelem aquele que com elas não sabe lidar. O fato é que constatei, uma vez mais, que elas estavam acostumadas ao autoritarismo. (Lembro-me que, quando muito menina, tive uma blusa, já muito surrada, esfacelada nas mãos de uma professora, apenas por estar conversando com a colega que se sentava atrás de mim.) A pedagogia se impunha aos gritos e minha sala de aula virou um inferno, porque eu não sabia manejar esse método. A cada dois minutos, interrompia uma professora que, lecionando na sala vizinha, estava por certo incomodada pela algazarra da minha e gritava em alto e bom som: "Calem a bôoooca!"

Desisti humilhada no segundo dia, convicta de que, decididamente, aquela não era a minha vocação.

Das lições de vida que aprendi do meu pai - quem nos acostumou a escutar as estórias que contava, as "estórias de Bicas", o pequeno povoado onde nasceu - uma, bem real, me marcaria por toda a vida. Logo depois da "Intentona Comunista" de 1935, papai foi preso. Ficou em uma cela de cimento, onde sequer havia um colchão. Ele possuía então muitos canarinhos, aos quais muito queria, pois seus cantos alegravam a sua vida. Quando saiu da prisão, o primeiro que fêz foi soltar todos os passarinhos, quando percebeu que o seu canto era triste. Havia entendido o valor da liberdade.

Depois de desistir de ser pianista (estudei piano durante cinco anos), fiz o vestibular para o curso de Sociologia e Política, em janeiro de 1959. Tinha então dezoito anos. A opção por essa ciência humana não foi fácil. Havia pensado em fazer medicina, para especializar-me em psiquiatria, mas também me fascinava a idéia de cursar direito e tornar-me advogada trabalhista. Afinal eu era filha de um velho e obsecado militante comunista, cresci entre as fotos e os textos de Stalin e Prestes e o sentimento de justiça social me encantava e confundia a escolha da carreira. Recorri ao auxílio de um teste vocacional, que era aplicado no Instituto de Educação, onde terminava o curso de normalista. O resultado foi pouco orientador, felizmente. Me disseram que eu podia fazer tudo, até medicina, mas sugeriram vagamente o direito, devido a uma alta capacidade que eu havia

revelado de "argumentação lógica" e "capacidade de convencimento". Optei, num primeiro momento, por medicina. Essa opção durou pouco, até a primeira visita à Faculdade de Medicina, onde meu estômago revirou no laboratório de cadáveres, com cheiro de couve podre, vale dizer, formol.

Durante a adolescência, além de escutar rádio-sei até hoje, todas as letras das músicas populares da época-ouvir discos, ir ao cinema "Odeon" e ver "bang-bangs", eu lia muita literatura brasileira. Não existia, ainda bem, a TV e seus enlatados. A minha família tinha uma assinatura do "Clube do Livro", que era barata. Devorava os clássicos, li tudo de Machado de Assis (que achava um chato, porque não era capaz de assimilar sua sutileza), José de Alencar, Graciliano Ramos, Eça de Queirós, Euclides da Cunha, Clarice Lispector, Mário Palmerio, Guimarães Rosa e tantos outros. Descobri Jorge Amado. A biografia de Castro Alves e a de Prestes, despertaram em mim o ser social. Foi aí que optei: ia fazer sociologia, para ser uma romancista social! Digase de passagem que a primeira monografia que escrevi foi "A Literatura Social de Jorge Amado".

Não me transformei em literata, mas a leitura de literatura me salvou. Aprendi a escrever, desprezando, por comodismo ridículo, as regras gramaticais. Não recomendo isso para ninguém, mas o fato é que calculei, no vestibular, tirar zero em gramática e dez em redação. Uma nota compensava a outra. Da mesma maneira que o dez em ciências humanas, filosofia e geografia compensava o zero em matemática, cuja prova entreguei

em branco. Naquela época, era a média que contava, não havia eliminatórias. Assim eu fui passando nos concursos, jogando com o tudo ou o nada. Venci, talvez, por sorte: na prova oral, "caiu" o tema dos filósofos gregos, pelos quais eu havia me apaixonado. O professor Francisco Iglésias era membro da banca. Lembro-me até hoje de como ele às vezes sorria, de tanto entusiasmo que eu demonstrava. Afinal, aparte as matérias que simplesmente achava chatas - como a matemática - eu havia me preparado muito bem não propriamente para ser aprovada, mas por inquietação intelectual. Não existiam esses cursinhos enlatados, que são mais bem fornecedores de "macetes" e tem como objetivo enriquecer os seus proprietários. Os estudantes mais abastados tomavam aulas particulares. Minha família não tinha recursos para isso apesar de que todos meus irmãos cursaram a universidade. A orientação bibliográfica que recebi foi do professor Petrônio Felecíssimo Machado, meu cunhado, que ademais me emprestou vários livros. Essas leituras pré-universitárias elevaram bastante o meu nível de análise.

## 2. O Contexto Social e o Direcionamento da Opção Profissional

Uma vez inscrita no curso de Sociologia e Política, pude acumular o de Administração Pública, para isso bastava cursar umas duas cadeiras à mais.

Surgiu, em seguida, uma oportunidade que mudou minha vida. Obtive uma bolsa de estudos patrocinada pela

Faculdade de Ciências Econômicas. Eram cinco vagas por curso para uns quarenta candidatos. Foram aprovadas quatro mulheres. Duas desistiram da bolsa devido ao veto paterno. Parece incrível, mas, em Minas, nos anos cinqüenta, ainda existiam essas coisas. Eu também iria receber, em seguida, a primeira lição sobre o que é o machismo. O Diretor da Faculdade, Prof. Ivon Magalhães, nos convocou para dizer o seguinte: "Vocês foram aprovadas como bolsistas, mas, como são mulheres, vão receber a bolsa porque sou muito generoso". Ele supunha que com essa chantagem compraria a adesão incondicional de nossa parte. Pelo contrário, foi o começo do seu fim como diretor, foi a última gota d'água que fez transbordar uma avalanche de descontentamento dos estudantes com a sua gestão autoritária. Foi também o meu primeiro teste como agitadora social, nesse movimento de protesto que ganhou as ruas da cidade. Armamos o entêrro simbólico do professor, com um desfile que incluía até um bondinho alugado do Parque Municipal. Para culminar, os estudantes planejaram uma terrível ação terrorista: a Faculdade era um edifício quadrado, com uma área aberta no meio. Estabeleceu-se um cronograma, que foi colocado nas paredes, das bombinhas de efeito, muito ruidosas, que seriam explodidas. O horário das explosões ia ficando cada vez mais apertado e o trabalho no prédio era impossível, em meio a tal pandemônio. Finalmente, o diretor se demitiu.

Hoje, tenho uma visão auto-crítica do movimento. Apesar de suas limitações, sob a direção do professor Ivon, a nossa Faculdade era, naquela época, a única instituição no Brasil

que tinha um programa de bolsas de estudo para que um grupo de alunos, durante todo o curso, estudasse em tempo completo, oferecendo sala de trabalho confortável, com máquina de escrever, estantes, serviços telefônicos, etc. Foi isso o que me afastou da perspectiva de um emprego necessário em um Jardim de Infância, propriedade de uma ex-professora que havia tido no curso de normalista; foi isso o que me possibilitou e a vários outros uma formação mais ampla e profunda, vale dizer, me concedeu o privilégio de ganhar um salário para estudar e assim poder configurar, na minha formação universitária, o que viria a ser uma sólida formação básica de cientista social. Não se nasce cientista, se aprende a ser cientista. No resultado, contam-se 90% de esforço e meramente 10% de talento. Para que o esforço seja despreendido, é necessário possuir as condições mínimas de trabalho e, essas, eu adquiri através da bolsa e do ambiente que havia entre os bolsistas. Ali se trabalhava muito, se discutia muito, se compartilhava muito, desde as inquietações teórico-metodológicas, passando pelas políticas, até as emocionais. Não foi aleatório que, alguns de nós, pela intensa convivência pessoal e intelectual e pelas afinidades geradas por ela, terminamos nos casando com companheiros desse mesmo núcleo.

O nono andar, onde estavam localizadas as salas dos bolsistas, era chamado, pelo Professor Júlio Barbosa, nosso grande mestre e incentivador, como a "chocadeira de gênios".

Lembro-me que minha turma, formada por Vinicius Caldeira Brant, Ivan Otero Ribeiro, Suzana Prates, Juarez Brito,

era antecedida por outra ainda mais brilhante e com a qual convivíamos, composta por Theotônio dos Santos, Hebert José de Souza, Antônio Octávio Cintra, Simon Schwartzman e Flávio Pinto Vieira. No ano seguinte, veio a de Maria do Carmo Brito, Amaury Guimarães, Bolivar Lamounier, Wilmar Faria e Magda Prates.

No final dos cinquenta e começo dos sessenta, Juscelino Kubitschek havia criado o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), para desenvolver um pensamento nacional, nacionalista. A grande matriz ideológica era a teoria do desenvolvimento, elaborada pela CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), sob os auspícios do Dr. Raúl Prebisch.

Os ilustres membros do ISEB, com exceção de Hélio Jaguaribe, que pronto renunciou à direção do mesmo, por não compactuar com o que chamou de "nacionalismo sectário", foram todos convidados, mais de uma vez, a fazerem conferências para os bolsistas. Por lá desfilaram Roland Corbisier, Gilberto Paim, Alvaro Vieira Pinto e, sobretudo, Guerreiro Ramos, que se transformou em nosso amigo e padrinho de casamento. Todos esses mestres (Nélson Werneck Sodré só fomos conhecer já na Universidade de Brasília) foram intensamente sabatinados por nós, questionados ou glorificados.  ramos contestat rios num sentido positivo. Já por essa época, se começava a gestar na cabeça de alguns de nós, pelo questionamento da teoria "cepalina" e da sua cong nere, a "isebiana", os germens ainda muito embrionários da teoria da dependência. A partir de tal questionamento, encontrávamos as bases mais seguras para impugnar a concep o

teórico-metodológica e a estratégia e a tática que inspirava o Partido Comunista. Não era possível, intuíamos, conceber uma "aliança do proletariado com a burguesia nacional progressista - no interior da qual a classe operária disputaria a hegemonia - na luta contra o imperialismo e o latifúndio". Nós decididamente pensávamos que anti-imperialismo e anti-capitalismo eram sinônimos, pois as nossas burguesias estavam se integrando ao grande capital monopólio internacional, particularmente ao norte-americano. (Os dados que comprovavam tal hipótese fomos levantar e sistematizar, posteriormente, no Chile.)

O questionamento da linha política do PC foi, também, de imediato um resultado do impacto, seguido da profunda influência, que a Revolução Cubana exerceu sobre nós. Nos sentimos prontos para militar no sentido de recriar o mundo, para voar, nas asas do idealismo mais puro, para outras dimensões da vida. Era tal o nosso entusiasmo com Cuba revolucionária que, em 1961, quando houve a invasão de Playa Girón, fomos os primeiros a inscrever-nos num voluntariado, por nós criado, para ir defender a Ilha. Saíamos pelas ruas, madrugada adentro, pixando as paredes do centro de Belo Horizonte com palavras de ordem de "Cuba Sí, Ianques No!". Nem as paredes da Igreja São José escaparam, para comoção dos clérigos reacionários de então. O pior é que havia sido pintada, não por um novato marxista, mas por um novato tomista, membro da Juventude Universitária Católica. Gestos nobres ou profanadores e muita ousadia juvenil. Chegamos, eu e a Suzana Prates, a escrever uma "Carta Aberta ao Presidente

Kennedy", protestando contra a invasão. Por certo, não foi publicada.

Bem, eu tinha a influência paterna mas o fato é que a minha geração foi filha política da primeira revolução socialista na América Latina. Com o passar do tempo, muitos renegaram tal paternidade, mas não foi o nosso caso. De todas formas, um denominador comum marcou por anos, muitos dos bolsistas da Faculdade de Economia: a irreverência e a independência de pensamento e de ação. Esse espírito contestatário jamais nos permitiu ser presa de métodos stalinistas e burocráticos. Foi por tudo isso que, lá, no nosso ambiente, o PC não se desenvolveu. Ao contrário, dentre os bolsistas, surgiram muitos dos líderes de novas organizações de esquerda, contestatárias à oficial: a "Organização Revolucionária Marxista - Política Operária" (POLOP) - da qual fui um dos fundadores - e a "Ação Popular".

A POLOP era marxista-leninista; a AP era socialista revolucionária e cristã, até se encontrar com o maoísmo, em meados dos anos sessenta. A história de ambas, as influências que exerceram tanto no seio do PC, na formação de novas organizações de esquerda bem como a influência na formação de um setor progressista dentro da Igreja Católica pós-64, ainda está para ser contada.

Mas o fato é que, apesar de no curriculum oficial dos nossos cursos não constarem autores marxistas, os bolsistas se dedicavam quase "full-time" ao estudo dos mesmos. Eu, por

exemplo, lia o que me interessava e me motivava, vale dizer, Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Bujarin, Preobajenski, Rosa Luxemburgo e também sociólogos franceses.

Júlio Barbosa nos intoxicava de G. Gurvitch, que era leitura obrigatória e que não servia para nada. Tanto assim que o esqueci. Só me lembro que tinha uma definição formal sobre "estrutura social", que era de um parágrafo e tomava uma página do seu "catatau", sem nada dizer. Essa, sim, ainda tenho na memória. Também pudera, aprendi a ler francês lendo Gurvitch!

Tínhamos de adquirir permanentemente livros importados da França ou traduzidos no México. Como são inesquecíveis os Breviários da Fondo de Cultura Econômica, nos quais tínhamos acesso a muitos outros temas. As editoras brasileiros eram - e ainda são - péssimas em matéria de ciências sociais e biblioteca boa não existia. As bolsas não davam para comprar livros estrangeiros. Resultado: a maioria dos bolsistas, ávidos de leituras, roubavam livros nas livrarias. No meu caso, havia uma situação privilegiada, pois meu companheiro, também bolsista, recebeu uma pequena herança, da qual empregou grande parte na compra de livros. (Depois do golpe de 1964, sobrevivemos por meses à custa da venda de parte deles para a biblioteca da Câmara dos Deputados, negócio esse realizado por nosso bom amigo Levy Sebastião). Havíamos até então formado uma seleta biblioteca, que era primorosa na parte de filosofia. Ela nos possibilitou uma leitura, noturna por certo, dos filósofos que foram mencionados por Marx. Queríamos destrinchar plenamente a

sua formação filosófica. Partimos de Aristóteles, Platão, passamos por Descartes, Spinoza, Leibniz, Hume, Kant, Hegel, com o objetivo de franquear definitivamente os umbrais para Marx. Devo dizer que me apaixonei por Spinoza, mas não entendi nada de Kant, não passando dos Prolegômenos. Foi, confesso, o único livro que li todo sem entender nada. Questionei a minha capacidade de abstração. Menos mal que pronto me refiz. Quando cheguei a Marx, tudo me pareceu cristalino e me reencontrei. Fui descobrindo que não existe a filosofia, a sociologia, a história, a ciência política, a economia, enfim as ciências humanas, desvinculadas entre si. Que não se pode explicar a sociedade nem o homem sem um enfoque multidisciplinar; isso é uma das peças chaves da metodologia marxista e daí provêm a sua complexidade e riqueza. Para análises específicas, obviamente procede a sua fragmentação. Porém, para as totalizadoras, como as que pretendia fazer já que pensava ajudar na transformação do brasileiro, da sociedade brasileira e, por que não, do continente, do mundo, entendi que o marxismo era o instrumento. Por aí posso explicar porque me transformei também em economista. Sabia que não podia ser marxista sendo apenas socióloga, cientista política, administradora. Tinha de ser, para ser boa, cientista social. Mais ainda, para ser boa cientista, eu não podia ser de gabinete ou apenas um verme de livros. Tinha de sujar os pés de lama, para conversar com as pessoas do povo, as expressões das maiorias, aprender com os movimentos sociais.

Foi assim, e também por motivação política mais imediata, que começamos a ir às favelas, a nos entrosarmos com Associações de Moradores que começavam a brotar e multiplicar-se por várias periferias, onde a maioria dos habitantes eram trabalhadores.

Ministramos vários cursos, promovidos por essas Associações, que versavam desde a teoria do valor até a realidade nacional. Produzimos uma apostila, que mimeografamos e distribuimos para os participantes dos cursos. Durante esse labor, vivemos experiências inusitadas, ao tratar de formar monitores entre os favelados, para reproduzir os cursos, multiplicando-os. Alguns se revelaram com claras aptidões de cientistas sociais, frustados pela vida num contexto de injustiça social.

Lembro-me que assisti a uma aula do Jorge, um líder nato, dirigente de uma Associação dinâmica de uma favela das mais miseráveis, cujo nome não recordo pois eram várias as que frequentávamos. Ele, ademais de nosso discípulo, nos transformou em compadres, ao dar-nos um filho para batizar. Pena que nunca mais pudemos encontrá-lo, talvez tenha morrido e a criança jamais ficou sabendo quem foram seus padrinhos. Esse fato vale a pena de ser mencionado, por revelar que as tradicionais relações de compadrismo começam pronto a emergir também no seio das articulações de esquerda. As fidelidades pessoais, ainda nesse terreno, têm relevância. Afinal, nós éramos políticos de novo tipo, mas, em todo caso, políticos.

Da experiência do trabalho de dar cursos em favelas e também em sindicatos - penetrávamos nos mais fracos - me lembro de outra experiência interessante. Os trabalhadores reclamavam, por mais didáticos que fôssemos, que a cabeça lhes doía. Paulo Freire, muitos anos depois, quando o visitamos nos EUA, nos comentava que o processo de alfabetização de adultos provocava reação semelhante. Ele atribuía isso ao fato de que o seu método, ao fazer com que o indivíduo vislumbrasse uma nova dimensão da realidade, recolocava radicalmente a sua visão da sociedade e remexia seu cérebro de tal forma que provocava a dor. Pode ser. Mas eu meramente creio que a cabeça, com qualquer outra parte do corpo, quando é pouco usada e, de repente, começa a exercitar-se abruptamente, provoca dores.

Abandonei o trabalho nas favelas para dedicar-me à formação das Ligas Camponesas em Minas Gerais. Isso também vale a pena mencionar, pois minha atuação não foi aleatória, ou simplesmente política. Correspondeu aos meus estudos preliminares sobre a questão agrária no Brasil, tema que se transformaria, logo em seguida, no projeto de pesquisa para a tese de mestrado.

No contexto da ascensão dos movimentos sociais na América Latina pós Revolução Cubana, havia eclodido no cenário nacional, com muita fôrça, a "questão camponêsa", a questão da propriedade da terra.

Francisco Julião, líder do movimento camponês que empolgava o país, assustando a uns, esperando a outros, nos visitou por então, reunindo em volta de si, entre muitos

estudantes, vários dos bolsistas da nossa Faculdade. Propôs que criássemos as Ligas e lá fomos, junto com profissionais liberais, quer dizer advogados de esquerda, que eram as figuras chaves desse tipo de organização, pois ela defendia a propriedade privada da terra, ameaçada pelos grileiros. Recrutamos logo os advogados José Lins e Wellington Romanelli, figuras desprendidas e competentes, que colaboraram de maneira definitiva para o avanço do trabalho. Fiz parte da Diretoria das Ligas motivada também por aprender a montar a cavalo, conhecer o meio do mato, doutrinar camponeses, preocupações típicas de uma guerrilheira em potencial, situação da qual não cheguei a sair.

A reforma agrária era necessária, inclusive para o desenvolvimento do capitalismo dependente. Por quê não foi realizada? Tentei descrever essas razões posteriormente, no meu livro *El Capitalismo Dependiente Latino-americano*.

Organizamos uma poucas mas significativas Ligas, que se desmoronaram como um castelo de areia, depois de 1964. Nem podiam durar. A partir de então, com a repressão implacável que se abateu sobre o movimento campones, a questão não era mais a que se colocava naquela época, - garantir a propriedade do solo aos minifundiários contra a voracidade de latifundiários e grileiros - mas sobretudo a de organizar os assalariados agrícolas, vale dizer, bóias-frias, despojados definitivamente de suas terras. A perspectiva de reforma agrária se havia esfumado indefinidamente.

O tema da tese de mestrado foi, pois, um motivador-motivado pela minha experiência como organizadora de Ligas.

Nesse mesmo período, convivendo com favelados e camponeses - quase nunca tinha um fim de semana de lazer - tive a oportunidade de incursionar num grupo de elite intelectual que era relativamente fechado, a chamada "geração complemento". Pena que cheguei já nos seus extertores, quando quase todos estavam por abrir asas e voar por sobre as montanhas sufocantes de Belo Horizonte, para se afirmarem no horizonte mais límpido do Rio de Janeiro ou na cosmopolita São Paulo.

Contudo, ainda tive tempo de participar de suas reuniões festivas, que se realizavam em qualquer dia, madrugada a dentro em casas, bares ou restaurantes e de conviver com muitos dos futuros expoentes mineiros da literatura, do ballet, do teatro e televisão, da pintura e do jornalismo, que estão por aí, para orgulho da cultura nativa, enfeitando-a. Todos eles despertaram em mim uma maior sensibilidade e aguçaram a minha maneira crítica de pensar e de viver. Como não mencionar o meu convívio curto, mas marcante, com Klauss e Angel Viana, Ivan Ângelo, Silviano Santiago, Frederico Moraes, Wilma Martins, Vicente de Abreu, Afonso Romano de Sant'Anna, Carlos Kroeber, Ezequiel Neves, João Maurício, Flávio Pinto Vieira, Nena, Machener, Heitor Martins e Terezinha?

O nosso Estado é assim: gera , ao mesmo tempo, os elementos mais conservadores e os mais subversivos, o mais radical em todos os parâmetros. A combustão entre eles provoca o catapultamento dos melhores, dos de vanguarda.

Finalmente, chegamos a 1962, fim de curso, fim da minha época estudantil, festa de formatura. Festa sim, mas, na minha geração da Faculdade, com conotações políticas. Mais de políticas do que de festa. Havia tradicionalmente a instituição do concurso para orador das turmas de formandos. Eu me inscrevi e me preparei para enfrentar a banca, também composta por professores. Fiz e refiz o texto do discurso, gravei e regravei a exposição do mesmo. Nessa última tarefa, fui ajudada pelos colegas Guido Rocha e Carlos Alberto Soares. Havia vários candidatos, mas eu ganhei. O jornal "O Binômio" estampou, em página inteira, entrevista comigo sob o título "Em Minas Mulher Fala Por Homem". Mas a disputa para falar não era uma questão de auto-afirmação pessoal, era, sobretudo, uma afirmação do engajamento político de uma geração. Meu discurso foi uma reafirmação de nossa convicção sobre a necessidade das "reformas de base", leit-motiv dos movimentos sociais da época. Terminamos nossa intervenção com a frase enfática, desafiadora e profética: "E quem poderá conter a juventude de hoje?"

O auditório estava lotado por familiares, amigos, mas sobretudo por policiais do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Comecei o discurso quase gritando, pois os microfones não funcionaram de imediato. Pena que não pude obter

nenhuma foto falando, pois os fotógrafos em seguida desapareceram; eram todos da polícia e as guardaram para seus arquivos.

### 3. A UnB: O Projeto Abortado em 1964

Em 1962, Darcy Ribeiro saiu "caçando" pelo Brasil afora professores talentosos, de preferência jovens, para compor os quadros de uma universidade inédita. Eu ainda era estudante, mas, logo que me formei, me auto-meti na rede. Cheguei em 1963 a Brasília e me submeti a uma seleção, digamos um concurso-incluía ademais do curriculum, uma entrevista - no Departamento de Sociologia, com a sua direção, ou seja, José Albertino Rodrigues e Perseu Abramo. Fui aprovada como mestranda e instrutora, vale dizer, ademais de pesquisar para a tese de mestrado, deveria dar aulas para os cursos de graduação e extensão.

Tive problemas ao início, pois recebi a minha segunda lição de machismo. Darcy Ribeiro, hoje meu grande amigo, a quem respeito e admiro, me propôs reduzir o meu salário à metade. O argumento era simples: "Você e seu marido estão trabalhando aqui. Recebem dois salários e vão se enriquecer às custas da Universidade. Então vou cortar o seu salário pela metade".

Ah, não! fiquei indignada e mobilizei tudo, o que podia e o que não podia. Desse protesto revoltado, unido a outros protestos, nasceu o embrião do que viria a ser a Associação dos Professores da UnB. O fato é que fiquei com o meu salário integral e foi mais um exercício para a agitadora incubada em Minas.

Em 1963, fiz a minha primeira viagem à Cuba, como representante da POLOP. Essa viagem ratificou todo o meu entusiasmo revolucionário. Fiquei ainda mais convencida de que era importante, não só explicar a sociedade, mas, sobretudo, transformá-la.

Tive oportunidade de participar de uma conversa longa e bem informal com o Che Guevara. Ele me impressionou, não só pela sua obstinação e agudeza, mas também por sua simplicidade.

De minha estadia em Brasília, tenho pouco que registrar. Continuei a impartir cursos de formação política nas periferias, nas cidades satélites que começavam a surgir por todos os lados. Na graduação tive muitos alunos brilhantes, como Aurélio Wander, Tito Riff e o sargento Garcia que, em seguida, veio a ser um dos líderes do "Levante dos Sargentos", que naquela época comoveu a cidade e o país. Me lembro que um amigo nosso, agora poeta e cronista eventual do JB, nos contou que, na ocasião havia se transfigurado em "milico". Surpresa para nós, que acordamos com o tiroteio que parecia que ia varar o

alojamento provisório de professores onde morávamos, um local que havia sido cedido à UnB pela Petrobrás.

A meados de março de 1964, dei uma "aula maior" (que na terminologia da UnB significava conferência) para um curso de extensão. Nela, previ rigorosamente o que estava por vir. Quem não preveria? Esses fatos históricos não são articulados somente nos subterrâneos da conspiração, afloram à luz através de uma série de artérias que os vascularizam para a sociedade como um todo.

Consumado o golpe, voltei à minha sala, no "Minhocão", o prédio onde trabalhávamos. Foi uma tristeza, no sentido literal da palavra. Todo o conteúdo de minhas estantes e do arquivo (que continha os recortes dos jornais da época sobre a questão agrária e documentos diversos que havia adquirido) estava esparramado pelo chão, com marcas óbvias de botas encharcadas de lama do campus. As gavetas da escrivaninha, peladas, - não sobraram nem as canetas esferográficas e um colar de bijouteria que eu havia deixado lá - enfim, um caos que nos avisava: "Não voltem mais!" Então, eu fui embora, mas, antes, passei na minha sala de aula e li para a minha turma de alunos a "Declaração dos Direitos do Homem". Foi uma despedida muito triste.

A consequência pessoal de 64 foi a nossa ida, clandestina, para São Paulo, onde ficamos até 1966. Saímos daí para o exílio no Chile. Os meandros desse período não tiveram consequências acadêmicas. Foi mais um período de acumulação de forças teóricas, políticas e pessoais.

Durante o tempo em que estive em São Paulo, nasceu minha filha, Nadia, em um hospital excelente e nas mãos de um médico competente, que conseguiu tudo grátis para nós. Os carinhos eram muitos, porém me apavorava a idéia de que, devido ao meu nome falso - Ana Santos - a menina se perdesse no berçário. Continuei militando na POLOP, mas logo rompi com esta organização, por razões que não tem sentido comentar aqui. Ademais dos afazeres domésticos, dos quais eu não tinha experiência alguma, lia, lia e lia. Por falta absoluta de dinheiro, arranjei um emprego na Denison Propaganda, como ajudante de pesquisa. Foi muito bom profissionalmente. Meu chefe era um pragmático talentoso e esquerdista enrustido. Por isso me empregou, sob os auspícios de Teodoro Alves Lamounier, então diretor de pesquisa da Colgate-Palmolive, que mantinha uma alta conta de publicidade com aquela empresa. Ali aprendi bastante, sobretudo o que é fazer uma pesquisa de opinião rigorosa, pois as multinacionais querem o mais primoroso, já que jogam a sua lucratividade nessas pesquisas. Para tal, procuram os melhores profissionais e o campo da esquerda derrotada é terreno fértil para isso. Os esquerdistas são trabalhadores dispostos a mostrar os melhores serviços com baixos salários, para se ocultarem da voracidade repressiva.

Na Denison, aprendi desde tabular respostas de entrevistas até o que é uma pesquisa de "observação participante", vale dizer, ficar escutando as opiniões das pessoas sobre um produto. Me lembro do "Simca-Show", ou seja, um

desempenho em Interlagos de um possante carro lançado pela empresa. Me lembro também dos requintes das pesquisas para a Colgate-Palmolive, quando essa lançou um desodorante e descobriu que poderia cristalizar antes do uso. Orientados por uma amostragem rigorosamente definida, íamos aos "pontos de venda", pedíamos a tal mercadoria como qualquer consumidor, abríamos e verificávamos se estava ou não cristalizada. Nossa pesquisa orientava a retirada ou não do produto das prateleiras dos "pontos de venda" antes que qualquer consumidor percebesse ou algum concorrente descobrisse.

Não é possível deixar de relembrar, antes de terminar esta parte, como um reflexo oposto da nossa geração contestatária radical, do destino de muitos dos nossos melhores professores. Vários deles eram recém-formados, quando tiveram que enfrentar as nossas turmas. Tinham, dois, três, quatro anos, no máximo, de diferença etária com os alunos. Pois bem, advindo o golpe, as pessoas da nossa geração não tiveram mais de três caminhos: lutar, assumindo o risco da prisão, morte ou exílio; deixar-se cooptar pelo statu quo golpista; ou tentar permanecer "na moita", "em cima do muro", alvo dos dois lados, situação em que só sobreviveu gente com capacidade excepcional de equilibrista circense. Muitos dos nossos professores não dispunham de nenhuma dessas qualidades e simplesmente se suicidaram em garrafas de álcool. ~~Entre outros, menciono aqui a Lincoln Prates, José Olegário, Marcos Rubinger.~~

#### 4. O Chile: de como adquirir a dimensão da América Latina

Fui para o Chile em meados de 1966. Quando lá cheguei, já tinha um emprego me esperando. Havia sido convidada para ser pesquisadora no CEDOP (Centro de Pesquisas de Opinião Pública), que me havia enviado a passagem. Seu proprietário era Don Eduardo Hamuy, então também Diretor da Faculdade de Economia da Universidade do Chile. Esse Centro fazia, entre outras pesquisas, prévias eleitorais. Era muito bem conceituado, havia realizado um famoso trabalho sobre como repercutiu, na cabeça dos chilenos, o lançamento do Sputnik mas era, sobretudo, admirado pela precisão com que previu a vitória de Eduardo Frei na eleição presidencial de 1964.

Quando comecei a trabalhar, já estava em andamento uma pesquisa para a próxima prévia das eleições regionais, com coordenação definida e a equipe de campo montada. Falando com Don Eduardo sobre a grande capacidade no ramo de Teodoro Alves Lamounier, ele resolveu disputá-lo com a Colgate-Palmolive, oferecendo-lhe um salário maior. Foi fácil convencê-lo a mudar-se para o Chile, pois não se sentia bem trabalhando em uma multinacional. Meu empenho na contratação de Teodoro se devia, entre outros fatores, ao fato de que percebia que algo andava mal, muito mal, no trabalho da equipe de campo. O chefe da mesma era um rapaz jovem e inexperiente. Os entrevistadores eram estudantes, na grande maioria militantes da Democracia Cristã, partido governista com o qual simpatizava Don Eduardo. Desde as

primeiras consultas de opinião feitas pela equipe, esse partido despontava, de novo, como o grande vencedor. Não era o que se sentia na rua. Comecei, então, analisar os questionários e fui observando que, nas perguntas abertas (havia muitas, o questionário era um verdadeiro "catatau", pois buscava também, além da justificativa do voto, pesquisar outros temas), existiam estranhas coincidências. Imaginei logo que uma porcentagem alta dos mesmos deveria estar fraudada.

Quando chegou Teodoro o diagnóstico foi o mesmo. Contratamos, então, um ajudante de pesquisa brasileiro, portanto neutro, fizemos uma pequena amostra dos entrevistados e partimos para campo para checá-los. Com o carro de Don Eduardo, fui pessoalmente a muitas casas, as pesquisas eram domiciliares e constavam nelas nomes e endereços. Ficou comprovado o que temíamos: os entrevistadores, quiçá não por intenção política, mas pela preguiça proveniente do pouco que se pagava, não aplicavam o formulário completo e o complementavam eles mesmos sem muita imaginação, simplesmente, inventando tudo.

Convocamos Don Eduardo e lhe expusemos o problema. Faltava pouco para as eleições. Propusemos criar nova equipe, mas o tempo urgia e o mesmo considerou que não havia possibilidade de refazer tudo. Resolveu correr o risco, pois confiava que a DC, de todos modos cresceria. Ele era um admirador honesto da gestão do presidente Eduardo Frei. Divulgou os resultados na véspera, mas as urnas, ao contrário, registraram um significativo desgaste do partido governista. Isso representou o descrédito e o fim do

CEDOP. Também foi o fim do nosso emprego. Eu havia ali adquirido uma experiência meridianamente oposta àquela da Denison, aprendi também como não se deve fazer uma pesquisa.

Don Eduardo sabia que não tínhamos nenhuma responsabilidade sobre os erros cometidos por sua instituição, muito pelo contrário. Nos ofereceu logo, a mim e a Teodoro, um cargo como professor visitante e pesquisador no CESO (Centro de Estudios Sócio Economicos), órgão da Faculdade de Economia. Fomos para lá aliviados, ainda que o salário fosse bem menor.

Posteriormente, <sup>foi</sup> ~~pude~~ formalizar <sup>ela</sup> minha contratação e <sup>dei</sup> passar da situação de pesquisador e professor de tempo parcial para a de tempo completo, através de concurso de títulos, o que era usual na Universidade do Chile. Minha intensa e rica vida acadêmica vai deslanchar a partir daí, do ingresso na Faculdade de Economia.

Quando lá cheguei, compartilhei, na verdade assumi, uma cátedra, já nem me lembro do tema, que era do professor Fernando Henrique Cardoso. O fato é que Fernando, quiça por confiança intuitiva ou mesmo por falta de tempo (ele era então Diretor do ILPES - Instituto Latino-americano para Estudios Economicos y Sociales) me delegou essa responsabilidade grande para uma jovem pouco experiente que até então mal conhecia.

Foi no Ceso que escrevi meu primeiro artigo que teria repercussão internacional, "Los Errores de la Teoria del Foco", uma crítica contundente aos postulados de Régis Debray, quando este empolgava esquerda revolucionária do continente. Vale

lembrar que o texto foi escrito antes da morte do Che Guevara. A relevância do mesmo residia no fato de que se demonstrava que o "foquismo" assentava-se sobre uma concepção espontaneista e voluntarista da revolução. Tal concepção por um lado, subestimava o papel da organização partidária, da participação consciente dos trabalhadores, dos movimentos populares, da luta urbana e da eficácia dos aparatos repressivos; por outro, sobrevalorizava o valor individual dos combatentes de vanguarda, da guerrilha rural e baseava-se em um pseudo "modelo" da revolução cubana. Ademais, não continha nenhuma análise das condições objetivas existentes nos países capitalistas dependentes latino americanos. Em suma, tratamos de alertar para os perigos subjacentes a uma receita demasiado fácil de como se fazer uma revolução. O fracasso de todos os movimentos guerrilheiros no continente, inspirados no modelo de Debray, demonstrou, dramaticamente, que as minhas críticas eram procedentes.

A polêmica sempre foi o meu forte, sempre gostei de demolir esquemas analíticos e argumentos que considero sem fundamento. Em quase todos meus trabalhos, ela está presente. Não assinei aquele artigo, por possuir uma grande esperança de voltar breve para o Brasil. Escolhi o pseudônimo de Cléa Silva, o mesmo que usava na clandestinidade paulista. Durante um tempo, ele ficou mais conhecido que o meu nome. O artigo foi publicado inicialmente na Monthly Review - Selecciones en Castellano. Posteriormente foi publicado em uma versão resumida e mal traduzida, em uma antologia organizada por L. Huberman e P.

Sweezy nos EUA. Circulou, em várias edições "piratas" na América Latina, em versão mimeografada e na versão alemã, editada em livro sob o título Focus Und Freiraum: Debray, Brasilien, Linke in den Metropolen, Wagenbach, Berlin, 1970.

Através dele, tive oportunidade de conhecer a P. Sweezy e Harry Magdoff. Sweezy, particularmente, gostou muito do mesmo e quando fomos aos EUA, em 1969, fez questão de nos conhecer pessoalmente. Levou-nos a visitar a editora e organizou um jantar para mim e meu companheiro, ao qual convidou a alguns intelectuais norte-americanos. Esse contato com a equipe de trabalho de Monthly Review, da qual fazia parte Harry Braveman, foi especialmente importante para mim porque sempre havia sido uma leitora assídua da Revista e uma admiradora de Sweezy. Suas análises sobre o capitalismo contemporâneo marcaram a minha formação. Seu livro Monopoly Capital me impressionou em especial. Fiz dele uma resenha que foi publicada na revista Estudios Internacionales, Santiago, Chile. (Não consegui obter cópia da mesma que foi "perdida" após o Golpe de Estado).

Ficamos no Chile sete anos e meio. Lá, realmente, me afirmei como intelectual, como professora, como pesquisadora e cientista social. Levantei vôo. Adquiri auto confiança, produto da segurança de que o meu trabalho era sério e fundamentado. Comecei a realizar o sonho de entender o mundo para ajudar a transformá-lo. Apaixonei-me pela minha profissão. Uma vez, um intelectual cubano, Angel Guerra, então diretor da revista Bohemia, depois de assistir a uma conferência que dei, sintetizou

assim a minha maneira de ser: "Vânia, você exala uma mistura de conhecimento com muita paixão". Recebi com timidez essa observação. Menciono-a apenas para retratar um pouco o meu estilo.

No começo de minha carreira, dar uma conferência era como parir um filho. Ficava até com diarreia, dois dias antes. Preparava tudo, tim-tim por tim-tim. Naturalmente por insegurança. Depois que me senti madura, minhas melhores palestras e aulas são as que improviso, embora por detrás delas, haja trabalho acumulado! Em todo caso, devo dizer que jamais aceitei falar sobre um tema que, pelo menos, não domine razoavelmente bem.

Em 1968, meu companheiro recebeu um convite para lecionar em uma Universidade norte-americana. Ele aceitou e pensou em fazer um curso de doutorado por lá. Eu me recusei a ir. Meu filho Ivan havia nascido recentemente, eu estava entusiasmada com o meu trabalho e com os conhecimentos da América Latina que ia adquirindo e com crianças pequenas, não gostava nem um pouco da perspectiva de ter de realizar trabalhos domésticos. Qualquer curso ou atividade que resolvesse fazer seria dificultada por isso. Ademais, como pude comprovar depois, a bibliografia latino-americana existente nos EUA é muito desatualizada. Ele acabou ficando apenas seis meses nos EUA, tive pena, mas nunca submeti meus projetos de trabalho às relações pessoais.

Entre as experiências acadêmicas na Universidade do Chile houve uma especialmente relevante, que vou relatar

agora, colocando-a no seu devido contexto. Aliás esse contexto era tão rico, que o destaquei na introdução de um dos meus livros. Não vou repetir aqui toda essa análise, somente mencioná-la brevemente.

Para o Chile haviam ido vários intelectuais latino-americanos, inquietos e brilhantes. Muitos eram exilados e outros haviam sido atraídos para trabalhar na sede central da CEPAL e do ILPES, em Santiago. Muitos que trabalhavam nessas instituições estavam preocupados em repensar a realidade do continente, pois era óbvio que a crise profunda e estrutural do desenvolvimento capitalista havia posto em xeque sua teoria explicativa, a teoria do desenvolvimento da CEPAL.

Foi então que, a meados dos sessenta, começaram a surgir trabalhos como os de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, Aníbal Quijano, Edelberto Torres Rivas e outros. Com esses e com vários intelectuais que também trabalhavam nessas instituições, como Maria da Conceição Tavares, Francisco Weffort, Carlos Lessa, José Serra, mantivemos frutíferas discussões. Devo destacar a presença também de André Gunder Frank, que chegou posteriormente e se incorporou ao Instituto de Sociologia.

Formamos no CESO (Centro de Estudios Socio Economicos) uma equipe de pesquisa sobre as relações de dependência na América Latina, dirigida por Theotônio dos Santos, composta, além de mim, por Orlando Caputo, Sérgio Ramos e Roberto Pizarro.

Começamos por levantar uma extensa bibliografia sobre o tema, abarcando desde seus antecedentes teóricos até as suas fontes estatísticas mais relevantes. Este trabalho foi publicado nos Cuadernos del CESO (Não tenho mais sequer um exemplar do mesmo, o que possuímos hoje, da nossa produção acadêmica da época, são exemplares ou fotocópias conseguidas aqui e ali, com amigos que viviam no exterior).

Realizávamos seminários semanais, para a discussão dos principais textos e fontes levantadas. A equipe incorporou, depois, alguns ajudantes de pesquisa. Eu, pessoalmente, tinha dois: Cristian Sepúlveda Taborga e José Martinez.

Cada um de nós definiu seu projeto específico, mas todos eram interligados por um marco teórico comum, que foi bem definido por Theotônio, no sentido de que a dependência é uma situação condicionante redefinida em função das especificidades de cada uma das sociedades latino-americanas; não é um fenômeno externo, mas que permeia e configura a estrutura econômico-social dos países do continente. Essa definição básica "histórico-estrutural" passou a ser comum, explícita ou implicitamente, a todos aqueles teóricos que podem ser considerados como da corrente "dependentista". (Não vou entrar aqui, na polêmica de quem precisou o conceito em primeiro lugar, pois não vem de nenhuma maneira ao caso). Porém, o que distinguia o enfoque específico da nossa equipe - similar, por exemplo, ao de Ruy Mauro Marini, quem então vivia no México - era a utilização da

metodologia e das categorias de análises marxistas. Mais que isso: a criação de novas categorias analíticas essenciais para compreender e explicar fenômenos novos, que não haviam sido vividos e, portanto, nem pensados pelos clássicos marxistas.

Utilizávamos o marxismo com familiaridade. Pensávamos que estávamos, mais que utilizando seu instrumental teórico e metodológico, recriando-o na medida em que incorporávamos a ele novos conceitos. Isso é a essência do marxismo, pelo que sempre entendi da sua concepção histórica. Não se tratava propriamente de profaná-lo, mas de abrir novos caminhos analíticos e fazê-lo rejuvenescer.

Na equipe, eu me propus assumir uma tarefa grande, a de pesquisar a América Latina no seu conjunto. Daí surgiu o livro El Capitalismo Dependiente Latino-americano, publicado no Chile pela Editorial Prensa Latinoamericana, republicado, logo após ao golpe, por Siglo XXI Ed. México - fato esse excepcional (já está na décima quarta edição em castellano); foi editado também na Itália, por Giangiacomo Feltrineli, e, recentemente, tanto tempo depois, me informaram do interesse de sua publicação no Japão.

Essa pesquisa foi armada a partir da definição de dois grandes tipos de estruturas dependentes: o tipo A, constituído por países cujo processo de industrialização começou a partir das últimas décadas do século XIX e, o tipo B, composto por aqueles onde tal processo ocorrerá a partir da II Guerra Mundial, controlado diretamente pelo capital estrangeiro.

A tipologia foi um instrumento indispensável para explicar diferenças substantivas no desenvolvimento dos países latino-americanos. Em apenas seis - México, Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e Colômbia - originou-se uma burguesia industrial nacional que elaborou um projeto próprio de desenvolvimento e o ofereceu ao conjunto da sociedade. Apenas nesses casos ocorreu a chamada substituição de importações e revoluções "democrático-burguesas", naturalmente com as características próprias do capitalismo dependente. Nos demais países, tais burguesias jamais existiram, assim como o fenômeno do populismo, salvo em suas formas oligárquicas caricaturescas.

Mostrei como, a partir dos anos cinquenta, no contexto da integração monopólica mundial, os investimentos estrangeiros diretos no setor manufatureiro - eixo principal da acumulação de capital - desnacionalizava a propriedade privada dos instrumentos de produção naqueles seis países. As burguesias nacionais tornaram-se sócias-menores das empresas multinacionais, transformaram-se em classes dominantes - dominadas, abdicando das bandeiras anti-imperialistas e nacionalistas - populistas. Tal processo culmina nos anos sessenta com os golpes de Estado de novo tipo e o acirramento das tensões sociais.

Nas partes finais do trabalho analisei as contradições do capitalismo dependente em cada tipo. A conclusão lógica resultante foi a de que esse sistema não pode resolvê-las e, para manter-se necessita apelar para formas mais extremas de

repressão econômica, política e social, vale dizer, para o fascismo. A alternativa a ele seria o socialismo.

Esse livro foi, entre todos os que escrevi até hoje, o mais divulgado na América Latina, não só no ambiente acadêmico, mas também no político. Por exemplo, quando conheci pessoalmente Jaime Wheelock, ele me disse que o havia lido durante uma viagem clandestina de Costa Rica a Managua. Assim como ele, muitos personagens históricos da esquerda latino-americana, como dirigentes do MIR (Movimento de Izquierda Revolucionária) chileno, me procuraram para discutir suas teses, bem como militantes socialistas e comunistas.

Mas, ao mesmo tempo que pesquisava o capitalismo dependente, me preocupava o fracasso, que já havia pré-anunciado na minha crítica a Debray, dos movimentos insurreicionais no continente. Concebi então uma antologia, que custou muito trabalho, sobre o fracasso das mais significativas expressões desses movimentos, durante a década dos sessenta. A intenção era organizar um balanço, empreendido por dirigentes ou intelectuais de alto nível, comprometidos com eles. Lembro-me que, em 1969, de passagem por Caracas, recebi o artigo de Moisés Moleiro, dirigente do MIR da Venezuela, feito na cadeia onde cumpria pena por subversão. O manuscrito me chegou em papéis muito finos e com letra minúscula. (Posteriormente Moisés me enviaria uma Carta Aberta, na qual explicitava algumas de suas colocações e que somente pode ser divulgada na versão em italiano).

Alguns dos intelectuais que escreveram artigos para compor esse livro o fizeram com pseudônimo, ou porque eram funcionários de organismos internacionais ou porque temiam represálias por parte da direita. Todos praticamente já eram nomes eméritos das ciências sociais, e muitos da teoria da dependência em particular, mas não cabe a mim desvendar aqui seu incógnito.

O livro, com um longo artigo introdutório meu, no qual tratei de apresentar um visão de conjunto do movimento insurrecional na década de sessenta, foi publicado no Chile sob o título Diez Anos de Insurrección en América Latina, por Prensa Latinoamericana, 1971, em 1973, pela Mazzota Editore, da Itália, com o título L'Esperienza Rivoluzionaria Latino Americana, com uma apresentação de Saverio Tutino.

Nesse artigo, tratei de fazer um balanço da década destacando dois períodos: um, de ascensão do movimento popular e revolucionário no continente, que começa no final dos anos cinquenta e se estende até 1963 - 1964; outro, de descenso do mesmo, que abre-se a partir de então e que encontra o auge com os vários golpes de Estado. Analisei os indicadores e as causas dos mesmos e tratei, por último, de discutir criticamente as distintas concepções estratégico-táticas da esquerda latino-americana, buscando discernir a origem de seus fracassos práticos.

Durante essa época, me interessei ademais por vários temas. Lembro-me que fiquei entusiasmada com a "revolução cultural" na China. Minha motivação foi gerada quando, ao comprar livros para os meus filhos, descobri que a literatura infantil chinesa, ao contrário por exemplo da soviética, valorizava o trabalho, a criação e o aporte do ser humano à sociedade de uma maneira muito bonita e motivante. Escrevi, então, um artigo "La Revolución Cultural y el Marxismo" que foi publicado na revista Estudios Internacionales, de Santiago e republicado na Venezuela (não me lembro mais o nome da revista).

Interessei-me também pela economia política da libertação da mulher. O feminismo estava em auge naquela época, mas, em geral, era muito mal focado teoricamente. Escrevi então dois artigos, "La Mujer Como Problema en la Transición al Socialismo" e "Liberacion de la Mujer y Luta de Clases", que foram publicados na separata da revista chilena Punto Final, 1971 e 1972.

Neles, tratava de desvincular a questão substantiva, que é a questão da dupla exploração da força de trabalho da mulher trabalhadora, da equivocada formulação dos movimentos feministas, que deforma o enfoque da questão ao não fazer uma diferenciação entre os vários tipos da "categoria mulher", propugnando uma absurda luta entre os sexos. Eu colocava, a análise do problema em termos de classes sociais e ia mais longe, ao destacar que, em definitiva, o duplo trabalho-dentro e fora de casa - só seria superado com a industrialização

da economia doméstica, o que pressupunha uma sociedade planificada, altamente desenvolvida, socialista.

Esses artigos circularam em vários países como EUA, Canadá, Alemanha, Itália, etc. Não tenho, pelas razões que já destaquei, cópias dessas publicações. Consegui apenas resgatar uma fotocópia que me foi enviada solidariamente pela Dra. Helen I. Safa, diretora do Latin American Institute of Rutgers University.

Nesse mesmo período, preocupei-me, ademais em analisar a evolução - ou involução - da esquerda chilena e brasileira, centrando-me em duas de suas mais significativas correntes a "foquista" e a reformista. Escrevi então três artigos polêmicos e muito críticos. Um chamou-se "El Neo-Foquismo: La 'Nueva Teoria' Pequeno-burguesa de la Revolución", no qual criticava as teses de um novo "teórico" e dirigente da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) no Brasil, cujo codinome era Jamil. Esse artigo foi publicado na revista Palmares - Marxismo y Revolución nº 1, editada no Chile, por brasileiros. Outro, "El Carácter de la Revolución", Palmares, nº 2 e 3, ambos com o pseudônimo de Cléa Silva. O terceiro "Partido Comunista Chileno: Reforma o Revolución", foi publicado na separata de Punto Final no Chile e na coletânea organizada por Dale L. Johnson, The Chilean Road to Socialism, Anchor Press/Doubleday, New York, 1973. Esse foi assinado com o pseudônimo de Glauris Fernandez, pois supus que o SNI possivelmente já sabia quem era a Cléa

Silva. Ainda continuava com a ilusão de poder voltar ao Brasil a curto prazo e, ademais, legalmente.

A intenção desses artigos era rediscutir, uma vez mais, a concepção estratégico-tática da luta revolucionária no Brasil. Devo lembrar que, para isso, eu, Theotônio dos Santos e Ruy Mauro Marini estávamos dispostos à voltar ao país, assumindo todos os riscos que essa volta implicava. Já tínhamos até marcada a data provisória do regresso, meados de 1971. Eu, que possuía passaporte ainda válido, seria a primeira a regressar, com meus dois filhos. Esse objetivo não se concretizou, porque toda a organização do interior do Brasil foi aprisionada. Até hoje não entendo como podíamos ser tão idealistas, para não dizer aventureiros. Seguramente, se houvésemos voltado, a nossa vida hoje estaria sendo contada por nossos filhos.

Depois da vitória da Unidade Popular, quase todos os membros da nossa equipe de estudos sobre as relações de dependência foram chamados para trabalhar no governo ou a ocupar cargos de direção acadêmica e, assim, a mesma se desfez. Pensei então que minha tarefa, como intelectual comprometida com as transformações estruturais na América Latina, tinha de mudar. Já não se tratava mais de analisar apenas o capitalismo dependente. Tratava-se de deslindar os rumos da sua superação. Afinal, a teoria da dependência, que havíamos ajudado a elaborar e a ramificar, já havia cumprido uma enorme função prática: a de influenciar na elaboração do Programa da Unidade Popular. Pela primeira vez, um programa de governo feito por uma frente de

esquerda, com a participação relevante de um Partido Comunista, colocava a ênfase na liquidação dos monopólios nacionais e internacionais; estabelecia, também, que a soberania nacional só poderia ser consolidada quando fosse superado o capitalismo dependente, através da transição socialista. Eram exatamente as conclusões óbvias das teses centrais que defendíamos em nossa publicações, cursos e conferências.

Para mim, colocou-se a seguinte questão: qual a maneira mais efetiva de entender as características que assumiria a transição socialista na América Latina? Encontrei pronto a resposta. Dedicar-me a uma intensa e sistemática pesquisa sobre a única experiência concreta de transição socialista que estava em curso, a revolução cubana.

A experiência chilena era uma proposta, era um sonho maravilhoso, que eu sempre duvidei que poderia converter-se em realidade; tinha maiores chances de tornar-se um pesadelo. Como muitos companheiros que compartilhavam essa dúvida, vale dizer os sensatos, mas que nunca professaram a tese do "quanto pior melhor", torcíamos e ao mesmo tempo militávamos para que tudo desse certo; se nossas preocupações científicas e políticas estivessem erradas, que a história nos desmentisse. Por isso, nunca registrei por escrito as minhas dúvidas enquanto as possibilidades de concretização do projeto da UP, pois o desânimo conduz à auto-liquidação dos movimentos sociais. Sempre acreditei que o ser humano, sobretudo as classes despossuídas, deve ser otimista; de que não se pode perder nunca a esperança.

Para poder pesquisar em todas as suas minúcias a revolução cubana, organizei um seminário sobre a mesma que se estendeu por um ano. Era um grupo pequeno, que contava com a participação, além de alguns companheiros do CESO, de três intelectuais cubanos: Germán Sánchez, José Bell Lara e Mercedes Díaz de Arce. Os dois primeiros haviam sido fundadores da famosa revista cubana, Pensamento Crítico. O acesso à coleção completa da mesma foi fundamental para a minha pesquisa, além dos materiais que ambos me conseguiam. O Programa Econômico do Movimento 26 de julho, por exemplo, que havia sido redigido por Felipe Passos e Regino Botti, então funcionários da CEPAL, que não havia sido divulgado na América Latina, foi-me conseguido por Bell, um exemplar raro e precioso trazido emprestado de uma biblioteca do PCC.

Apesar do ambiente de colaboração, durante o seminário tivemos incontáveis discussões com os companheiros cubanos acerca da interpretação da revolução cubana, que, em parte, está revelada no primeiro capítulo do meu livro, La Revolución Cubana: Una reinterpretación, quando questiono a interpretação de Germán sobre o papel da pequena burguesia no processo revolucionário. No mesmo, eu questiono ademais interpretações dos dirigentes revolucionários, Fidel Castro e Che Guevara. Isso talvez seja a única explicação do porquê meu livro jamais tenha sido publicado em Cuba, apesar de que, como pessoa, ter tido sempre uma recepção privilegiada ali. (Voltarei a mencionar isso depois.)

Essa pesquisa, como todas as demais que venho realizando em minha vida acadêmica, tinha uma forte motivação política: tratava de compreender e de explicar o caráter da revolução através de um rigoroso estudo de seus condicionamentos históricos, da situação objetiva do país e dos fatores que conduziram à sua mudança de qualidade, com o objetivo de entregar à militância revolucionária latino americana que inspirava-se na mesma, uma análise objetiva do "modelo". Assim, tratei de questionar, de maneira irrefutável, toda uma série de mitos que originaram a malfadada concepção "foquista". Na primeira parte, tratei de analisar a estratégia insurrecional do Movimento 26 de Julho e o seu enraizamento na classe operária, fazendo assim uma reavaliação do mesmo, destacando a importância concedida à greve geral. Busquei explicar porque fracassou a greve geral de abril de 1958, cujo desfecho resultou na mudança da estratégia revolucionária. Pesquisei a seguir as razões do sucesso da nova estratégia, a guerrilha. Na segunda parte demonstrei o caráter democrático-burguês da primeira etapa da revolução, que estendeu-se de janeiro de 1959 a outubro de 1960, abrindo então o caminho para a transição socialista. Finalmente, busquei destacar as dificuldades dessa transição em um país pequeno, monocultor, bloqueado e hostilizado pelo imperialismo.

Esse trabalho, já impresso, sequer chegou a ser distribuído nas livrarias. Logo depois do golpe a editora Prensa Latino-americana havia sido ocupada pelo exército chileno, e todo o seu material foi queimado. Tive sorte de que um ex-aluno meu,

Frank Teruggi (que foi assassinado logo após o golpe), havia visitado, na véspera da catástrofe, a editora, e conseguindo um exemplar do livro, envio-o gentilmente a P. Sweezy. Esse aluno era obsecado por livros, os buscava onde estivessem, nem sei se os lia. Pobre rapaz, ele havia se incorporado a nossa equipe de karatê e corria a voz de que era da CIA, apenas por ser norte-americano e de esquerda. Não fosse por ele, esse meu trabalho, que considero a melhor pesquisa por mim realizada, teria sido simplesmente perdido.

O livro foi editado imediatamente no México, por Nuestro Tiempo Ed; 1974; em Portugal, pela Ed. Centelha, Coimbra, 1975, e no Japão, pela Ptsuki Shoten Publishers, 1980. (\*)

---

(\*)P. Sweezy quiz editar o livro por Monthly Review. Como tinha dificuldade em ler espanhol, solicitou um parecer a David Barkin, um especialista em revolução cubana. David depois me contou que deu um parecer entusiastamente favorável e, então, assinei contrato com a editoria americana. Mas o tempo foi passando e não saía a edição norte americana. Um dia telefonei para lá e obtive a justificação de que estavam sem recursos financeiros para as obras estrangeiras e que, ademais, o tema revolução cubana não tinha mais boa aceitação no mercado. Achei estranho. Pouco antes de que assinasse o contrato, Monthly Review havia me solicitado um parecer sobre o excelente livro de H. Safiotti, que é quatro vezes maior que o meu e que foi pronto publicado. As editoras sérias dos EUA calculam bem seus investimentos, antes de assinar qualquer contrato. Poderia exigir-lhes o pagamento de uma multa por não cumprimento contratual. Ali, essas coisas funcionam bem. Preferi não fazê-lo, pois se tratava da editora de Sweezy. Talvez por malícia, supus que ele, depois do parecer de Barkin, se interessou pelo livro, tratou de lê-lo e descobriu, num pé de página, uma nota pequena, mas contundente, que discordava radicalmente com seu ponto de vista sobre o caráter populista da liderança revolucionária cubana, expresso em um livro que havia escrito antes do meu.

Enfim, talvez tenha contribuído para tudo isso um artigo que escrevi, por solicitação de Bobby Ortiz, a secretária executiva da editora, para uma homenagem aos sessenta anos de P. Sweezy. Fiz um trabalho sobre a transição socialista, tentando explicar a situação do "Socialismo Real" desde um ângulo crítico,

Em 1972, recebi um convite para participar de um seminário (o título já não me lembro) organizado por Samir Amin, em Dakar. Aceitei com entusiasmo mas não pude comparecer, pois na véspera da viagem contrai a minha segunda pneumonia no Chile. A falta aos eventos internacionais é terrível para um intelectual: deixa-se de conhecer o país, pessoas, novos trabalhos e perde-se a oportunidade de difundir mais amplamente as próprias teses. Pois bem, na minha vida, faltei a muitos, recusei vários convites, às vezes por motivo de força maior e muitas outras pela mera preguiça de ter de viajar.

O golpe militar interrompeu um novo seminário que organizamos no CESO, desta vez sobre o livro de Clausewitz, Sobre a Guerra. Sabíamos que ele viria e pensávamos que era necessário resistir; oferecíamos a única arma de que dispunhamos para a resistência, ou seja, algo de preparação teórica sobre a mesma.

Cerca de uma semana depois de consumada a catástrofe, nos exilamos na Embaixada do Panamá com os nossos filhos. No Chile ficou a nossa casa e tudo que tínhamos dentro; o mais valioso era a segunda biblioteca que havíamos construído ali. A sensação imediata foi a do ferreiro que não dispõe de ferramenta para trabalhar. Ficaram por lá sete anos e meio de

---

porém positivo. Sweezy já havia assumido, há tempos, uma posição pró-chinesa irracional. Poderia parecer até um desrespeito eu escolher logo esse tema para homenageá-lo, mas era o que eu estava trabalhando. O fato é que a coletânea, que eu saiba, nunca saiu.

vivências, mas o conhecimento acumulado em nossas cabeças veio conosco.

### 5. O Interregno Panamenho

Cheguei no Panamá apenas com os meus filhos. Meu companheiro havia ficado retido na Embaixado do Panamá, e lá permaneceu por mais 5 meses. A nossa estadia panamenha, foi de aproximadamente 4 meses.

Não vale a pena deter-me muito no exílio panamenho, pois não teve a menor relevância acadêmica. Apenas pude comprovar o prestígio internacional que havíamos adquirido, sobretudo no ambiente universitário, advindo dos nossos trabalhos. Havia solidariedade sim, mas não apenas isso. Muitos companheiros na mesma situação política não receberam sequer um convite, chegaram como os intrusos consentidos aos países onde se dirigiram. Nós recebemos muitas ofertas de trabalho em vários países. Onde decididamente não poderíamos ficar, e nem queríamos, era no Panamá. Não houve nenhuma solidariedade por parte de instituições acadêmicas panamenhas. Apesar da benevolência do General Omar Torrijos, Manuel Noriega, o segundo homem- naquela época tinha boas relações com os EUA - submeteu vários exilados a vexames. Nós escapamos disso, escudados pela ajuda e proteção de amigos que tínhamos em vários países. Lembro-me por exemplo, que a comida que nos davam era pouca, que não fôsse o dinheiro que

nos mandavam - sobretudo o amigo Peter Roman, um professor norte-americano que trabalhou conosco no CESO - teríamos passado fome.

O professor José Agustin Silva Michelena, da Universidade de Caracas, informado do nosso paradeiro, comunicou-se comigo e me ofereceu, além de trabalho, uma bolsa para pesquisa que a Fundação Friedrich Ebert havia colocado à disposição de sua instituição. Aceitei pronto a bolsa - a qual só fui receber meses depois - mas agradei o convite para ir para a Venezuela. Nos planos do meu companheiro, retido ainda na Embaixada do Panamá em Santiago, a América Latina não entrava.

Com o dinheiro que recebíamos de Peter, e que recebíamos a título de empréstimo, resolvemos trasladar-nos de Citre, cidadezinha do interior panamenho onde havíamos sido alojados, para a capital. Alugamos um quarto e sala em um apart-hotel, que tinha ar condicionado - e que compartíamos com Hebert de Souza e Maria - e intensificamos nossos contatos com o mundo.

O primeiro convite que havíamos recebido, ainda na Embaixada do Panamá, era da City University of New York. Nos EUA havia sido articulado um forte movimento, do qual participaram eminências da vida acadêmica e política, para a concessão do salvo-conduto por parte do governo Pinochet ao meu companheiro. Decidimos que iríamos para lá.

Na cidade de Panamá fui muitas vezes à Embaixada Americana tratar de conseguir um visto para os meus filhos, pois eu ainda tinha um visto válido. Não vem ao caso aqui relatar todos os pormenores dessas idas e vindas, que muito me

desagradavam. Na verdade, eu não tinha a menor vontade de ir para a "gringolândia" e só fazia os trâmites por insistência de meu companheiro, torcendo para que desse tudo errado. A partir de certo momento, quando o cônsul me fez um convite esquisito para visitar a biblioteca da "zona do canal", vários amigos exilados passaram a revezar-se para ir comigo àquela tétrica Embaixada. Só creio que vale a pena mencionar o lance final. O cônsul me telefonou e pediu que eu levasse os passaportes, ia enfim conceder os vistos. Quando estive de posse dos mesmos, abriu o meu, retirou do bolso uma elegante caneta-tinteiro e fêz um x na página inteira, onde anotou em seguida: "anulado por ordem do Departamento".

Eu fiquei indignada e lhe disse agressiva: "O Sr. acabou de liquidar o meu passaporte, depois disso não poderei usá-lo nunca mais!" Ele então, complacente, rabiscou no mesmo: "Pendente um visto de imigrante". Quando Ruy Mauro Marini, que era meu acompanhante dessa vez, começou a fazer-lhe inquirições, ele se irritou e perguntou: "Por quê o Sr. vem aqui com ela?" recebendo uma ríspida resposta: "Porque sou seu amigo e me interessa o que passa aqui com ela".

Esse grotesco agente do sistema de discriminação e perseguição do governo americano, que paradoxalmente era um negro, se fosse competente não necessitava ter feito tudo isso. Bastaria que reparasse, com maior atenção, no documento que apresentei, para constatar que, se bem o visto americano era válido, o passaporte estava vencido!

Em janeiro de 1974, sabendo através do amigo chileno, Pio Garcia, que seria muito bem recebida na UNAM (Universidade Nacional Autônoma do México), tomei a decisão de irmos para o México.

Despedimos-nos de Julio Manduley, cubano naturalizado panamenho desde a infância, e sua mulher, Mariela, ela sim nascida no Panamá; havíamos conhecido ambos no Chile, onde eram estudantes; de Hebert Maranhão e Berenice, brasileiros. Esses foram os únicos amigos que fizemos em nossa estadia naquele país.

#### 6. O México: A Miscelânea e a Nuances das Cores do Continente

Depois desses poucos meses infrutíferos no Panamá chegamos na Cidade do México, "com a cara, o peito e a coragem", para reconstruir a vida e buscar os instrumentos de trabalho. Imediatamente fui contratada pelo Instituto de Investigaciones Sociales. Lá podia dedicar-me integralmente à pesquisa. Era isso o que eu queria.

Não quis fugir do tema que me havia motivado, a transição socialista. Comecei então a reler a Marx e a Engels, buscando neles referências sobre a mesma.

Pouco depois, recebi a bolsa acumulada de pesquisa da Fundação Ebert, que nos permitiu mobiliar uma casa, comprar um carro, livros e roupas, posto que o primeiro salário universitário, por razões burocráticas, demorava a ser pago.

Como trabalho para a Fundação, que deveria ser concluído em seis meses, escolhi o tema Revolução Democrática e Revolução Socialista. Revolução Mexicana e Revolução Cubana. Meu objetivo era analisar comparativamente as duas grandes revoluções que ocorreram na América Latina. Era, ao mesmo tempo, um pretexto para me enfronhar na história mexicana, pois o meu amor pelo México foi à primeira vista. Para consolidá-lo, tinha de conhecê-lo.

O ensaio que resultou do trabalho foi entregue à fonte financiadora e, que eu saiba, não foi publicado. Segundo a opinião de companheiros, foi uma pena.

Ainda em 1974, realizou-se em Costa Rica um Congresso Latino Americano de Sociologia. Participei dele como delegada do IIS. De todos eventos desse tipo a que compareci, é do que mais me lembro pois tive a oportunidade de refutar, de maneira contundente, as críticas à teoria da dependência formuladas por Agustín Cueva. Na época, criticar a teoria dependentista, como era chamada pejorativamente, começava a ser moda.

Minha intervenção foi muito aplaudida e Agustín se salvou da resposta que teria de dar, ao ser interrompido por um ataque de epilepsia que teve um dos oradores.

Continuei a reler toda a obra de Marx e Engels, ao mesmo tempo em que me submergia nas Obras Completas de Lênin. A pesquisa à qual me dediquei, durante seis anos, tinha dois objetivos:

1. Analisar a fundo o pensamento dos autores sobre a estratégia e tática socialistas, vale dizer, a concepção da revolução. Era um trabalho necessário, num contexto de mais de uma década de derrotas da esquerda latino-americana, que, sem embargo, havia acumulado uma ampla experiência de lutas que ia desde as tentativas insurrecionais à busca do caminho democrático e pacífico para o socialismo. Como havíamos acompanhado essas lutas, seja de dentro ou seja de muito perto, sabíamos que os fracassos se deveram, em boa medida - como já havíamos diagnosticado em trabalhos anteriores - à imaturidade teórica e política da esquerda no continente. Havia, pois, que estimular uma volta às origens do marxismo, fazendo-o avançar de acordo com as especificidades da nossa época.

Esse trabalho resultou no nosso livro, elaborado em conjunto com Theotônio dos Santos, La Estrategia y la Tática Socialistas - De Marx y Engels a Lenin, publicado em dois volumes pelo Ed. Era, México, 1980.

Ele representava o aprofundamento e a sistematização de vários cursos para militantes socialistas, que havíamos impartido no Brasil e no Chile, e também para cursos de Doutorado em Ciência Política, que ministramos na UNAM.

O primeiro volume dedica-se a análise da estratégica e da tática socialistas do movimento operário antes do marxismo, passando pelas concepções, de Marx e Engels desde o Manifesto Comunista, a revolução de 1848, a formação da I Internacional, a Comuna de Paris, a crítica ao anarquismo, até a

constituição dos partidos social-democratas e da II Internacional. São analisadas, ademais, uma série de questões estratégico-táticas que essa associação tem de enfrentar desde suas origens até a I Guerra tais como o debate sobre o revisionismo e as críticas de centro e de esquerda ao mesmo; a participação nos governos burgueses; a greve de massas como instrumento revolucionário; e o imperialismo, nacionalismo, militarismo e guerra.

O segundo volume está dedicado a concepção de estratégia e tática desenvolvida, teórica e praticamente, por Lênin, para a conquista do poder e sua defesa e consolidação. Trata-se de analisar as suas polêmicas com os defensores do socialismo agrário e do terrorismo, com o populismo e com o economismo, suas teses sobre partido revolucionário e o surgimento do bolchevismo. Em seguida passa-se a análise da experiência da revolução de 1905 e da concepção leninista sobre a tática da classe operária na revolução democrático-burguesa, de como o período de descenso das lutas deve ser compreendido como acumulação de forças, suas posições diante da guerra imperialista e da traição, por parte II Internacional, de seus próprios princípios. Logo, analisa-se a tática de Lênin na revolução russa e as condições políticas e materiais que possibilitaram o seu triunfo. Para finalizar são apresentadas uma série de questões estratégico-táticas enfrentadas pela revolução e a visão de Lênin sobre as mesmas (Assembléia Constituinte, a paz de Brest Litovsky, a reforma agrária, a autodeterminação dos povos

subjugados pelo czarismo, a guerra civil e a NEP) bem como a sua concepção a respeito da III Internacional.

2. Expôr, de maneira rigorosa e sistemática a contribuição dos autores para a fundação da teoria marxista do socialismo, desde os seus pressupostos até a sua implementação concreta na realidade viva.

Trato de demonstrar como as bases dessa teoria são postas por Marx e Engels e como Lênin contribui, de maneira definitiva, para a sua elaboração, enriquecendo-a e consolidando-a.

Como complemento indispensável de tal projeto, tive de empreender simultaneamente o estudo a fundo sobre:

a - as obras clássicas mais relevantes sobre a teoria marxista do socialismo, tais como as de Preobrazhensky, Bukhrin, Trotsky, Stalin, Rosa Luxemburgo, Gramsci e Togliatti. Estendi também meus estudos a autores como F. Claudin e Santiago Carrillo, tratando ainda de levantar uma polêmica sobre o caráter neo-revisionista do euro-comunismo;

b - o contexto específico, econômico, político, social, cultural e internacional da Rússia bolchevique, onde se desenvolve as contribuições leninistas em particular e dos bolcheviques em geral. Para isso, recorri a uma série de estudos históricos, ensaios, biografias, que constam da bibliografia da pesquisa.

O resultado desses longos anos de trabalho foi a minha tese de doutorado sobre La Teoria del Socialismo en los Clásicos - Karl Marx, Federico Engels y Vladimir Ilich Lenin. A tese contém um anexo, no qual discuto a contribuição dos demais autores antes citados. Esse livro, foi aprovado para publicação com o título A teoria do socialismo em Marx, Engels e Lênin. Para entender o socialismo real, Ed. UnB, Brasília, 1991, em tradução.

Na primeira parte dedicada a Marx e Engels, analiso as condições materiais para o desenvolvimento do socialismo e a demonstração de sua necessidade histórica; trato de mostrar como os autores percebiam o mesmo como um período de transição entre o capitalismo e o comunismo e não propriamente como um modo de produção; em seguida exponho as origens históricas e a evolução do conceito de ditadura do proletariado, destacando o seu status de categoria analítica essencial da teoria do socialismo; passo às teses sobre a sociedade comunista, a extinção do Estado, as novas leis de movimento e exponho as intuições desenvolvidas, sobretudo por Engels, a respeito da nova cultura.

Na segunda parte, dedicada a Lênin, centro a análise em três grandes temas: a economia-política da transição socialista, o Estado e as classes sociais nessa transição e a concepção e o desenvolvimento concreto da economia.

A leitura dos textos bem como a elaboração de um enorme volume de fichas bibliográficas foi realizada durante o exílio mexicano, mas a redação da tese, foi feita em Belo

Horizonte, entre 1980 e 1981. Era a época do auge do <sup>u</sup>elrocomunismo. O questionamento do socialismo real por seus outrora cultores, arrastava consigo o questionamento de Marx, Engels e, sobretudo, de Lênin. A relevância do trabalho que eu empreendia tornava-se óbvia. Era urgente resgatar, em meio de tanta confusão teórica, as contribuições definitivas entregadas pelo marxismo clássico a respeito da transição socialista. Tal necessidade acentuou-se, posteriormente, com o advento da perestroika e os acontecimentos do leste europeu.

Devo destacar que foi um único fator que me motivou a fazer o curso formal de doutorado, no final dos anos setenta: a perspectiva da anistia e da volta para o Brasil e, só por isso, minha pesquisa se trasmutou em tese. Fora daqui, em muitas outras latitudes como aquelas que eu vivi, ele era absolutamente prescindível. No México, eu era professora de mestrado e doutorado, sem possuir título de pós-graduação. No exterior, meus títulos eram minhas publicações. O que eu quero dizer explicitamente é que esse trabalho, como todos os anteriores, não foi concebido originalmente como um instrumento de conquista de um título, pois não o necessitava, mas como uma tarefa a mais de um cientista social.

Retorno agora aos meados dos anos setenta, quando resolvi deixar o IIS, onde não tinha tarefas docentes, e transladar-me para a Faculdade de Economia da UNAM. Lá fiz concurso para professor titular e algo tenho a dizer sobre isso.

Além da apresentação do curriculum e da prova docente, era necessária a elaboração de uma monografia, no prazo de 15 dias e com limitação do número de páginas.

A banca, composta por Samuel Lichtensztein, Pedro Paz e Agustín Cueva, definiu três temas, entre os quais deveria optar por um. Escolhi o mais fácil, mas, ao mesmo tempo, o mais árido, pois se tratava de um balanço da teoria da dependência e das críticas que à mesma haviam sido formuladas. Não poderia, assim, por um lado, deixar de enfrentar-me diretamente com um dos meus jurados, o mais virulento crítico, que era justamente Agustín Cueva; por outro lado, Pedro Paz, que apesar de haver dado contribuições que superavam o marco do desenvolvimentismo cepalino, havia se formado nessa escola e não deixava de defendê-la.

Fiz o meu trabalho sentindo a dificuldade da limitação de páginas e, por isso, tive de restringir-me apenas às críticas da teoria da dependência que considerei mais importantes. Entre elas estavam as de Agustín Cueva e Enrique Semo, então chefe de Departamento de Pós-Graduação da Faculdade.

Vejam só: minhas críticas foram muito ácidas, porém, bem fundamentadas. Durante o exame público, na maior parte das vezes, segundo testemunho dos que o assistiram, como o professor Orlando Caputo, era eu quem arguia, sobretudo a Agustín, por suas críticas sem fundamento. Fui aprovada da melhor maneira.

Como sinto falta daquele ambiente, onde as divergências acadêmicas se confrontavam em alto nível e se dirimiam sem rancor pessoal.

Minha tese foi publicada posteriormente com o título Teoria de la Dependência: Una Anticrítica, Ed. Era, 1978.

A "Revolução dos Cravos" florescia em Portugal. Recebemos então um convite da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, para irmos trabalhar lá. Aceitamos em princípio, mas propusemos o mesmo devido os nossos compromissos na UNAM. Os cravos começaram a murchar e essa perspectiva se esfumou.

Durante minha estadia no México, além das pesquisas básicas, escrevi vários artigos (constam do curriculum); fui convidada para fazer conferências ou participar de seminários no México e em vários países (uma parte consta na documentação anexa); imparti vários cursos a nível de graduação e pós-graduação; (foram tantos e eu jamais tive a preocupação de guardar comprovações, mas estão registrados nas secretarias das respectivas instituições e, sobretudo - o que é importante - na formação dos alunos que deles participaram) orientei várias teses a nível de graduação, mestrado e doutorado.

Uma experiência, em especial, vale a pena mencionar. Em 1979 fui convidada para ir a Cuba. Dessa vez, era um convite pessoal, não ia a nenhum evento, embora tenha feito uma conferência na Universidade de Havana sobre a teoria da dependência. Mas isso foi mais bem uma cobertura que o propósito

da viagem. O propósito? Não sei. Afinal, eu passei boa parte da minha vida refletindo, escrevendo e dando aulas e conferências sobre a Revolução Cubana, mas jamais uma linha escrita por mim, sobre qualquer tema, foi publicada por lá. A minha independência analítica sobre o processo revolucionário cubano pode explicar isso. Talvez o receio da publicação dos meus trabalhos tenha sido devido, não a uma censura oficial, mas uma iniciativa burocrática, temerosa de quem questionou certos mitos.

O fato é que fui recebida quase como ministro de Estado. Viajei em avião, fiquei hospedada nos melhores hotéis e em "casa de visitas" linda e acolhedora, falei com quem eu quis e fui onde tinha vontade; recebi discos, livros e flores. Sempre fui muito bem tratada, mas nunca dessa maneira. Foi uma experiência fantástica, da qual não podia deixar de aproveitar reflexivamente. Solicitei, então, uma entrevista com organizadores e transmissores de cultura e fui prontamente atendida. Fizemos um balanço de vinte anos de revolução cultural na Ilha. O resultado desta foi publicado, em várias partes, no jornal Excelsior, do México, no mesmo ano, e posteriormente no Brasil, em 1983, pela intervenção de Florestan Fernandes, sob a forma de livro, pela Ed. Hucitec, São Paulo, com o título Cuba-20 anos de Cultura.

Para mim, essa experiência foi fundamental, pois pude reciclar meus conhecimentos sobre Cuba, quanto a seus avanços no processo cultural e institucional. Assisti a uma "Assembléia de Prestação de Contas" dos representantes populares;

entrevistei pessoas idôneas quanto ao entendimento e a prática do Poder Popular; conversei livremente com todos os "simples mortais" que apareciam na minha frente. Enfim, voltei com as baterias recarregadas para fundamentar melhor minhas aulas e conferências.

Durante a minha estadia no México tive experiências muito ricas de contato com o mundo, através de viagens e também da recepção de cientistas sociais visitantes, convidados pelo nosso Departamento ou por outras instituições da UNAM. Esta Universidade tinha recursos, que pareciam inesgotáveis, para promover sem nenhuma limitação, o intercâmbio de conhecimentos

Lembro-me que, já nos estertores de minha estadia no México, queixei-me com Leonel Corona, então chefe do Departamento de Pós-Graduação em Economia, que me sentia como uma pesquisadora solitária, pois o meu tema, a teoria do socialismo, não era objeto de estudo de mais ninguém. Leonel então me disse:

"Vânia, vamos fazer uma homenagem a você. Reúna-se com mais dois ou três professores e programem um seminário do doutorado sobre o socialismo. Convidem quem vocês quiserem. Pagaremos as passagens, estadia e o salário de professor visitante."

Foi assim que me reuni com Hebert de Souza e Ruy Mauro Marini, e fizemos um projeto de seminário, com a duração de um semestre. Pouco depois, o mesmo se realizou, contando com a presença de expoentes teóricos e representantes acadêmicos das

experiências de "Socialismo Real". Não vem ao caso mencionar e nem tenho mais a lista completa dos participantes, mas, esse seminário, foi definitivo para mim, não só no sentido de consolidar minhas teses, mas especialmente por contribuir para fundamentar empiricamente as formulações sobre "forças produtivas, revolução científico-técnica e socialismo contemporâneo", tema de seminários internos que realizávamos no Departamento de Doutorado.

O que , afinal, porém, quero destacar é o fato de que, apesar do nosso amplo intercâmbio internacional, o mais fecundo foi o contato cotidiano, durante seis anos, com a intelectualidade mexicana e latino-americana radicada no México, como havia ocorrido no Chile, mas, dessa vez, de maneira ainda mais ampla. Isso possibilitava um intercâmbio muito fecundo, pois era possível se dispor da última informação, da última análise, da última pesquisa sobre a maioria dos países latino-americanos, bem antes que fossem divulgadas mais amplamente.

Ademais, existiam cerca de cinquenta revistas de ciências sociais e o dilema do autor, ao contrário do que ocorre no Brasil, girava em torno do para onde enviar e jamais o como publicar. No México, a produção intelectual é divulgada, aqui é literalmente engavetada.

Na minha instância mexicana, dispunha, por exemplo, de recursos amplos para pesquisa, como bibliotecas atualizadas, ajudantes, secretárias qualificadas, fotocópias sem

limite, etc., todos os meios que motivam e viabilizam o trabalho sério.

Nessa época, ocorreu no país um verdadeiro festival de intercâmbios acadêmicos, políticos e culturais. A música de vários países do continente era reproduzida por lá, exibiam-se grupos de teatro e de dança, havia uma ampla divulgação e solidariedade com os movimentos revolucionários, particularmente com a Nicarágua, e com as lutas pela redemocratização em várias partes, criou-se a COPPPAL (Coordenação Permanente de Partidos Políticos Latino-americanos), etc. É a isso que eu chamo de miscelânea das cores do continente, então revificadas pelo grande patrocínio de uma sociedade onde existiam amplos recursos para a educação universitária e que era exuberante, culturalmente. Assim, todas as nuances da América Latina se revelavam nela.

Como traduzir isso? Tenho um exemplo de minha área: um jovem poderia fazer uma boa pós-graduação em várias universidades do mundo. Mas, nos EUA, estudaria e se especializaria necessariamente nas vertentes norte-americanas; na França, nas francesas; na Inglaterra, nas inglesas; na URSS, nas soviéticas, e assim por diante. O México era o único país onde ele poderia se especializar em qualquer delas e conhecer todas. Lá estavam as grandes editoras, os múltiplos professores de enfoques diferentes, tudo possibilitado pelos enormes recursos e, sobretudo, por um maior ainda espírito democrático.

Eu, que me formei no Brasil, me desenvolvi no Chile e me consolidei como cientista social no México, não posso deixar de reconhecer que toda essa experiência foi definitiva. É nesse sentido que digo, como acadêmica - e só nesse sentido - bendito exílio!

Em 1968, conheci pessoalmente a Leonel Brizola. Não mencionei outros episódios marcantes da minha vida política, mas a esse é importante referir-me, devido a suas implicações na vida acadêmica. Que eu me lembre, ele esteve no México três vezes.

A primeira foi uma visita rápida, na qual organizei na minha casa uma reunião com lideranças políticas latino-americanas - e eram muitas.

Na segunda vez, ele foi discutir conosco, um grupo muito restrito de exilados, um projeto de programa para a criação de um novo partido político. Estivemos três dias e três noites fechados em um hotel em Cuernavaca, cuja hospedagem foi oferecida pelo PRI (Partido Revolucionário Institucional), conversando sobre a história política contemporânea do Brasil e suas perspectivas. Digo honestamente: aquele homem pragmático, reflexivo e intuitivo ministrou as melhores aulas de ciência política concentrada que tive na minha vida.

Em uma madrugada, tivemos de nos concentrar na elaboração de um projeto de programa do partido, que ele pensava definir em um encontro mais amplo entre os exilados e personalidades que estavam atuando no Brasil. A mim coube

discorrer sobre o item relativo à situação da mulher, tarefa enfocada sob uma ótica bem machista; mas, em todo caso, eu conhecia, melhor que os outros, o tema.

Nesta ocasião, eu aderi às suas propostas, sobretudo por uma observação que lhe fiz e da qual já estava convencida desde quando era mocinha, em 1961 e em 1964, quando ele havia demonstrado praticamente sua garra de governante. Então lhe disse: "Estou com você, porque sei que jamais serás um Allende", vale dizer, jamais entregará, por pressão militar, o poder outorgado pelo povo.

Meses depois, participei do "Encontro de Lisbôa". Ali não quis ter nenhuma participação em plenário, apenas na comissão na qual me inscrevi, apesar das pressões de companheiros para que eu falasse, pois, vejam só, era mulher. Sem motivação, não transmito bem qualquer idéia, sobretudo num ambiente tumultuado pela ação de bajuladores, "picaretas" e pseudo-intelectuais. Apesar desse encontro ser híbrido, nunca deixei de reconhecer a sua relevância, pois foi democrático e as propostas mais relevantes foram aprovadas nas comissões, o que resultou em um programa muito avançado. Nele, prevaleceram muitas das teses do chamado "Grupo do México", o que nos fez sentir mais responsáveis pela sua implementação.

Posteriormente, estivemos com Brizola de novo, no México, para a reunião de fundação da COPPPAL. Nessa oportunidade, também organizei em minha casa uma reunião dêle com as mulheres brasileiras que se encontravam ali. Foi um encontro

infrutífero. Ele não se interessava muito pelas questões "especificamente feministas", pelo menos desde o ângulo enfocado por intelectuais; elas, em sua maioria jovens, já haviam feito uma opção latente pelo tipo de organização que viria a se conformar como Partido dos Trabalhadores. Paradoxalmente, no programa desse partido, as mulheres foram tratadas como meras "minorias".

O fato foi que esse relacionamento com Brizola condicionou nossa volta ao Brasil, precisamente para Minas Gerais, onde teríamos que ajudar a formar o partido, tentando mover inutilmente as duras pedras do conservadorismo mineiro.

#### 7. A Volta ao Brasil

Nunca duvidamos de que, logo que fosse possível, voltaríamos para o Brasil, apesar da restrição dos filhos: "nós não estamos voltando, estamos indo". Tínhamos muitos projetos e esperanças. Sabíamos que encontraríamos dificuldades, apenas não imaginávamos que, do ponto de vista profissional, seriam tão grandes. Se o aspecto acadêmico fosse o único fator da volta, até a reintegração na UnB, quase uma década depois, não tenho dúvidas de que o regresso foi um desastre.

Em 1979, logo que foi concedida a anistia, eu e Hebert de Souza estávamos convidados para realizar seminários no Instituto de Estudios Sociales y Economicos (IESE) da Faculdade de Ciências Sociales, Universidad Mayor de San Simon, em

Cochabamba, Bolívia. Aceitamos o convite sem relutar, pois, além de conhecer o país, de lá ao Brasil era perto, a passagem barata e poderíamos estar aqui por uns dez dias. A volta definitiva ocorreu em março de 1980, quando pudemos terminar os compromissos e entrar em licença sabática.

Como já havia terminado minha pesquisa no doutorado de economia, pensava dedicar-me, durante um ano, à redação da tese, como efetivamente o fiz.

Bem antes que se consumara a anistia, mas com a certeza de que ela seria consumada, havíamos recebido um convite por parte de Hélio Eduardo da Silva, chefe do Departamento de Economia da Universidade Católica de Belo Horizonte, para que eu e Theotônio dos Santos - elaborássemos um projeto e implantássemos os cursos de pós-graduação. Esse departamento era composto por um grupo de jovens professores, que conheciam nossos trabalhos e que contaram imediatamente com o aval do reitor.

Quando chegamos a Minas, veio a nossa primeira decepção. Passaram-se três meses, até que fosse efetivada nossa contratação. Eram alegadas inverossímeis razões de ordem burocrática. Quando tudo já estava encaminhado para que fossemos trabalhar na Universidade Federal, saiu, finalmente, o nosso contrato pela Católica. Apesar da advertência de praticamente todos os nossos amigos que conheciam essa universidade - pessoas de vários matizes ideológicos - fomos para lá. Estávamos motivados pelo projeto e com o interesse dos jovens professores. Foi um grave êrro.

Começamos a trabalhar com entusiasmo. Entramos em contato com todas as pessoas e instituições que conhecíamos a nível internacional, e eram muitas, divulgando o nosso projeto, solicitando ajuda para financiamentos e intercâmbio. Afinal, Theotônio havia ocupado cargos de direção nas universidades do Chile e do México, nossas obras haviam sido divulgadas mundo afora, dispunhamos de experiência e, sobretudo, de credibilidade.

Pronto vieram os retornos. Estávamos conseguindo gerar uma boa expectativa de financiamentos e intercâmbios de professores, alunos e publicações. O primeiro resultado concreto foi um convênio com a FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais) que enviou para Belo Horizonte Ayrton Fausto como seu delegado. Airton foi com sua família e com muito entusiasmo. A seis mãos, o projeto deslancharia celeremente.

Não tínhamos a obrigação de dar cursos para a graduação, mas estávamos ávidos por lecionar para estudantes brasileiros. Assim, ademais de um seminário que fizemos para os professores, assumimos um curso para o último semestre de economia sobre "Sistemas Econômicos Comparados". Foi, talvez, uma das minhas experiências mais gratificantes como professora. A cada dia, apareciam mais alunos na sala de aula. Essa atração e respeito creio que ocorriam, não propriamente pelos nossos méritos, mas, sobretudo, pelo clima de liberdade que foi-se criando. Rompiam-se preconceitos e tabus. As palavras socialismo e comunismo, por exemplo, iam-se transformando em conceitos científicos, deixando de ser refrões subversivos. Era bonito.

No final do curso, fomos agraciados como professores homenageados. Ao mesmo tempo, fazíamos conferências, participávamos de mesas redondas na Católica. Na realidade, foi se gestando um clima de agitação intelectual, que explicará em parte o desfecho dessa experiência.

O reitor, Dom Serafim, jesuíta e mineiro, tratou de capitalizar momentaneamente essa abertura democrática, quando no final do semestre, visitou várias faculdades, enfatizando o seu pluralismo por contratar professores marxistas. Foi, sem dúvida, um momento efêmero de distensão, onde as mentes, trancafiadas por anos de repressão, começaram a se abrir.

Em seguida, veio o pesadelo. Uma experiência de surrealismo acadêmico. Dom Serafin deixou a reitoria, embora todos soubessem que ele continuava reinando sem ter a corôa. Seu substituto, sem nenhuma explicação plausível, simplesmente nos informou que o programa de pós-graduação havia sido cancelado.

Teria sido falta de recursos? Não. Ademais de todas as perspectivas que já estavam abertas internacionalmente - às custas do nossos contatos, porque ninguém no mundo sabe que existe tal universidade, lá em Belo Horizonte - tínhamos amigos no governo de Minas Gerais. Lembro-me de Paulo Haddad, então Secretário de Planejamento. Ele havia sido da nossa geração universitária. Ofereceu-nos a possibilidade de levantar alguns recursos para ajudar a viabilizar o projeto. Apesar das diferenças políticas, Paulo sempre foi uma pessoa cuja visão ultrapassava os limites mineiros. Foi em vão. O projeto foi

cancelado, não por razões econômicas mas políticas, que jamais foram explicitadas. Afinal, havíamos feito uma opção partidária progressista e essa incomodava o conservadorismo mineiro.

Não foi a primeira nem a última vez que a nossa participação política prejudicaria a nossa vida profissional, desnudando a persistência porfiada do autoritarismo na sociedade brasileira.

O então reitor ofereceu-nos um posto de professor com a carga de aulas normal em universidades privadas, vale dizer, super-exploração do trabalho e sub-rendimento acadêmico. Recusamos. O convênio com a FLACSO foi cancelado, Airton abandonou Minas, junto com a casa que havia alugado, paradoxalmente num bairro onde faz muito frio, chamado "Retiro das Pedras".

Os estudantes fizeram manifestações, cogitaram de fazer greve. Nós desestimulamos essas iniciativas. Era muito difícil lutar para romper a mentalidade provinciana e retrógrada.

Ficamos desempregados. Ainda bem que o sustento pessoal e familiar podíamos garantir com o salário mexicano proveniente do ano sabático, mas esse estava por terminar.

Pouco depois, Moniz Bandeira nos pôs em contato com a direção do Instituto Bennet de Ensino do Rio de Janeiro e fomos então convidados para apresentar e desenvolver um projeto similar de pós-graduação.

O Instituto nos ofereceu um terço do salário de professor adjunto IV, para que fôssemos ao Rio duas vezes por mês

para, primeiro, discutir o mesmo; em seguida, seríamos contratados para implementá-lo. Para isso nos financiavam as passagens até que tudo estivesse definido e pudéssemos trasladar-nos definitivamente para lá. Aceitamos.

Esta segunda tentativa de implantação do nosso projeto tampouco resultou. A FLACSO já não estava mais interessada em meter-se em nova aventura e, talvez, as divergências entre as correntes progressistas e conservadoras daquela instituição tenham se acentuado.

Nessa época, recebemos convite de José Albertino Rodriguez para trabalhar na Universidade de São Carlos, em São Paulo, mas já havíamos nos engajado na militância política em Minas Gerais, não era possível afastar-nos de repente. Nossa vida, uma vez mais, dividia-se entre esse tipo de atividade e a pesquisa acadêmica que realizávamos em casa.

Motivada por aquela, no final de 1981, escrevi um texto sobre Os Programas dos Partidos Políticos no Brasil. Enviei-o para Brizola e logo recebi uma carta de Alceu Collares solicitando permissão para publicá-lo pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. Assim ocorreu em seguida.

Nesse trabalho, tratava de analisar e comparar os programas dos partidos que foram registrados no país, tarefa importante num ambiente onde, devido ao baixo nível de cultura política, poucos são os que conhecem efetivamente as diretrizes programáticas das agremiações.

Ainda em 1981, realizou-se em Cuba o II Congresso de Economistas do III Mundo e, por solicitação do Presidente da A.E.T.M. e do Comitê organizador - Oscar Pino Santos - fiquei encarregada de selecionar e convidar os participantes brasileiros. O congresso foi um evento relevante porém me irritei com a desapareição do paper "A Situação Econômica, Política e Social dos Países do Terceiro Mundo: Um Balanço" que havia elaborado em conjunto com Theotônio dos Santos. Quando o mesmo apareceu trazia apenas o nome dele, quem ficou perplexo e constrangido. A explicação era a seguinte: a capa do trabalho havia sido perdida e só Deus sabe como. O paper continha uma parte, elaborada por Theotônio, para eventual publicação e outra elaborada por mim, especificamente para o congresso. Discutimos os trabalhos, julgamos que se complementavam e resolvemos uní-los para fazer um só conjunto. Só que, na parte que ele escreveu, continha originalmente o seu nome. Esse foi muito bem riscado por nós com o fim de aproveitar o que já estava datilografado. Como a página inicial sumiu, os organizadores cubanos - e isso eles nos contaram - decifram, com as técnicas de que dispõem, pelo avesso da página, o nome que encontraram e acrescentaram o título da mesa redonda para a qual o mesmo estava inscrito. Foi simples, mas a minha co-autoria "dançou" e nem posso mencionar o trabalho no curriculum. Nesse congresso, escutei, escutei e escutei, porém não falei nada.

Conseguimos com a ajuda de Octávio Elisio, - que já conhecíamos de outras épocas e que posteriormente veio a ser

Secretário de Educação em Minas Gerais - uma bolsa de pesquisa do CNPq e passamos a viver dela. Ademais, fazíamos então conferências esporádicas em várias cidades de Minas e em outros Estados, em geral convidados por estudantes ou partidos e organizações de jovens. No mais era a tentativa de construir um partido, dispondo para isso apenas de nossos poucos recursos próprios, com um idealismo juvenil que nunca conseguimos perder.

Com a derrota eleitoral previsível na campanha de Minas, no segundo semestre de 1983 nos trasladamos para o Rio de Janeiro.

Eu sentia então, como um nó na garganta, o sufoco das montanhas de Minas Gerais. Queria viver perto do mar, num horizonte amplo. Tinha nostalgia do Rio apesar de nunca haver vivido lá, nem sequer perto de oceano algum, nem de praia nenhuma. Não tinha oferta de trabalho, mas, ainda assim, pensava de maneira porfiada que em algo poderia colaborar com o novo governo do Rio.

Logo no início de 1983 fui indicada, por Darcy Ribeiro, para dirigir uma revista teórica do PDT. Elaborei um projeto e enviei para ele. Darcy me disse, quando nos reunimos uma vez no local onde seria a sua sede: "Não li, mas gostei". Diante de tal manifestação de confiança, comecei a armar o primeiro e o segundo número, solicitando trabalhos a várias pessoas das mais distintas correntes teóricas. A idéia era fazer uma revista de alto nível, à altura da boa literatura política dos partidos da esquerda europeia. Meu entusiasmo durou pouco.

Sem nenhuma explicação, o projeto da revista foi cancelado pela instância superior. Não voltou a nascer até hoje e foi uma pena.

No começo de 1984, recebi um convite do Dr. Pablo Gonzalez Casanova para participar em um seminário sobre o Estado na América Latina. Escrevi um trabalho sobre "O Estado no Brasil: De João Goulart a João Figueiredo" e aproveitei a viagem ao México para apresentar a minha tese como candidata a doutor em economia.

O euro-comunismo ainda estava no auge e o meu trabalho, por resgatar o marxismo clássico, era polêmico, sobretudo na parte dedicada ao pensamento de Lênin. Ademais, se bem eu fazia uma crítica contundente ao stalinismo, também criticava veementemente o euro-comunismo, tratando de mostrar que esse pensamento não passava de um neo-revisionismo.

Eu pensava que, dependendo da aprovação da banca-composto por Ruy Mauro Marini, José Luiz Ceceña, Pablo González Casanova, Bolívar Echeverría, Enrique Semo e René Zavaleta-poderia apresentar em seguida (quinze dias depois, de acordo com os regulamentos da UNAM) a defesa da tese para obter o título de doutor. Mas Ruy Mauro me aconselhou a não fazer os trâmites, porque talvez a banca poderia questionar o meu enfoque de resgate de Lênin e de crítica contundente ao euro-comunismo. Afinal, Enrique Semo era uma das maiores expressões dessa corrente no México.

Resolvi limitar-me à apresentação da candidatura e aguardar que, no futuro, recebesse outro convite e pudesse então

cumprir a última etapa para a obtenção do título formal, que, no Brasil, é especialmente importante. No fundo, o motivo decisivo para tal resolução foi o pavor enorme que adquiri por trâmites burocráticos. Ninguém gosta de burocracia, mas, em geral, as pessoas a enfrentam com resignação, como uma penitência de pobres pecadores. Talvez por que tenha sentido na pele, como qualquer exilado que vive um significativo período da vida indocumentado, dependendo da boa vontade de instituições governamentais de outros países - que por certo nunca me faltaram - desenvolvi um trauma anti-burocrático que conservarei sempre.

A defesa da candidatura foi mais uma experiência acadêmica marcante na minha profissão. Os pontos de vista por mim defendidos e que tratei de fundamentar da forma mais rigorosa possível, foram discutidos em alto nível. A "menção honorífica" que me conferiram, intimamente, a comparti com todos os membros do minha banca, pela integridade e objetividade científica de cada um deles.

Experiências desse tipo passei a valorizar ainda mais, quando regressei ao Rio de Janeiro.

De volta, fui informada de que na Universidade Federal Fluminense haviam sido abertos concursos para "auxiliares de ensino" em várias cátedras. Uma delas era para "História da América Latina". Inscrevi-me no concurso por algumas razões: a - sentia uma necessidade pessoal, social e ética de voltar à universidade; b - os concursos para níveis mais altos eram escassos, escassíssimos; c - poderia se galgar níveis mais

elevados por um critério de progressividade funcional (critério incorreto, porém vigente); d - fui convencida - por pessoas muito ingênuas - de que ninguém, com um conhecimento acumulado e demonstrado como eu sobre a América Latina, se candidataria a um cargo tão inicial, depois de tantos anos vividos e aprendidos por esse continente afora.

Bem, eu tinha honestamente que mencionar essa experiência vexatória pois, afinal, foi o único revés até hoje sofrido na minha carreira acadêmica. Mas devo terminá-la em poucas linhas pois, não merece mais que isso. Houve o concurso e eu fui muito mal classificada. Apelei, via reitoria, para revisão de provas. (Logo depois, vim a saber que vários professores, um hoje titular por concurso na UnB, cumpriu a mesma "via crucis" e inclusive chegou a entrar na justiça.) Recebi, meses depois, um comunicado burocrático que me informava que o pedido de revisão de provas havia sido indeferido pela regulamentação tal e tal, e só. Esqueci! Vale lembrar que o exame curricular foi o único que ganhei. Ainda assim, obtive apenas um décimo acima do professor que foi aprovado. Pelo que comentaram alguns conhecidos meus, professores daquela universidade, o aprovado não havia produzido nada de significativo que justificasse uma qualificação tão próxima à minha. Dos membros do jurado, esqueci literalmente os nomes e não pretendo relembra-los nunca. Valeria a pena? Penso que não.

Pouco tempo depois, por ocasião de uma reunião em nossa casa, à qual compareceu Darcy Ribeiro, criou-se a

oportunidade para a obtenção do meu novo emprego. Fui então trabalhar na FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro).

Darcy sonhava então em desenvolver na FAPERJ uma pesquisa que ele chamava de "utopia cibernética" ou o "diagnóstico catrastofista" do Rio de Janeiro e do Brasil. Em síntese, o que ele queria fazer era um levantamento das calamidades do Estado - déficit habitacional, educacional, de saúde, transportes, empregos, etc. - , projetar o seu aumento para uma década e, então, definir as prioridades de intervenção do poder público. Ele me designou uma função específica: "Você, que sabe escrever, vai fazer o livro", ou seja, expôr os objetivos da pesquisa, a metodologia, os resultados e tirar as conclusões.

Era um projeto similar ao que ele havia desenvolvido no Perú, na época do governo Velasco Alvarado. Pouco tempo depois, veio de lá um técnico em computação, que havia participado naquela primeira experiência. Eu tinha à minha disposição seis antigos funcionários da FAPERJ, mas apenas um possuía idéia do que era uma pesquisa. As lições do técnico não eram assimiladas por eles. Começamos a fazer o levantamento preliminar dos dados que deveriam ser organizados para irem para o computador. O tempo ia passando, os materiais foram se acumulando e, de repente, percebi que estava sozinha, pois outros pesquisadores contratados especialmente para o projeto, que pouco

apareciam por lá, desapareceram de vez. Fiquei sabendo que a razão foi "problemas salariais". O projeto foi engavetado.

Foi por isso que aceitei um convite para ser assessora na Superintendência de Desenvolvimento Social na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social.

Daquela experiência tenho uma boa recordação por me haver permitido o conhecimento da situação dos favelados do Rio, o que serviu de base para reflexões posteriores e que foram sistematizadas em um artigo "Favelas e Movimentos de Favelados no Estado do Rio de Janeiro", Política e Administração, Ed. Especial sobre Movimentos Sociais no Brasil, FESP, R.R., 1985. Essa experiência me possibilitou adquirir uma visão maior sobre esse movimento social, ampliando os conhecimentos que havia acumulado, muitos anos atrás, em Belo Horizonte.

Fui nomeada em seguida, pelo prefeito, Diretora Geral do Fundo Rio. Permaneci pouco tempo nesse cargo.

Nessa instituição, não sei como, em um tempo mínimo, pude coordenar tantas coisas. Era o entusiasmo que movia tudo. Consegui formar uma equipe para elaborar um projeto, que ficou logo pronto, de captação de recursos internacionais para "creches comunitárias". Elaboramos também um Plano de Classificação de Cargos, pois os funcionários trabalhavam há muito tempo ali em situação irregular, como prestadores de serviços. O plano foi aprovado de maneira recorde, o que normalizou os direitos trabalhistas de todo aquele pessoal abnegado e livrou a Prefeitura de grandes prejuízos futuros,

tanto financeiros, como morais. Não vem ao caso aqui expôr as razões da minha saída do Fundo Rio mas fiquei sabendo que os funcionários manifestaram sua opinião, no sentido de que eu havia sido, até então, a melhor diretora daquele organismo, apesar do breve tempo que estive por lá.

Posteriormente, com a nova gestão do Município, fui indicada, pelo grupo de Luís Carlos Prestes, para ocupar de novo essa função. Essa prerrogativa eles haviam talvez adquirido por meio de acordos políticos. Nunca fui vinculada a esse grupo, mas, desde que fui para o Rio, passei a me relacionar muito bem com Prestes e sua mulher Maria, relacionamento que foi se aprofundando na participação conjunta que tivemos em mesas redondas, para as quais éramos convidados, até conversas informais nas nossas casas. Apesar das discordâncias que tive, no curso da minha vida com o Partido Comunista, sempre nutri pelo "velho" um enorme respeito e admiração. Agradei a confiança porém jamais fui chamada pelo Secretário. O que passou depois no Fundo Rio, talvez explique as razões.

De novo na FAPERJ, entre tarefas de menor relevância, como colaborar na seleção de pessoal para os CIEPs, participei de uma equipe que elaborou um projeto de reestruturação do que poderia vir a ser o Complexo Educacional de São Gonçalo. Nessa equipe, destacou-se a colaboração da competente professora Stela Amorim, na qual Darcy depositava, com toda razão, enorme confiança. Ao final de alguns meses, depois de amplas discussões com a comunidade, elaboramos uma completa,

viável e ambiciosa proposta que encaminhamos ao Vice-Governador. Aprovada por ele, finalmente não foi implementada. Não fiquei sabendo por quê.

Sem maiores motivações com o trabalho que realizava na Fundação, passei a dedicar parte do meu tempo a uma série de atividades acadêmicas que promovia a FESP (Fundação Escola de Serviço Público). Escrevi artigos, dei várias conferências, participei de Congressos, cursos, seminários que constam do curriculum.

Esses eventos possibilitaram que as minhas colocações fossem menos desconhecidas no Brasil e me ofereceram novas oportunidades de ser convidada para fazer conferências em outras partes, em outras cidades. Os artigos e trabalhos, jamais foram divulgados aqui.

Nesse mesmo período, desenvolvi também dois tipos de atividades que muito me motivaram:

a - Coordenamos, entre 1985 e 1986, junto com Theotônio dos Santos, um projeto de pesquisa sobre "Movimentos Sociais no Brasil - de 1974 a 1984". Esse projeto foi patrocinado pela Universidade das Nações Unidas e resultou em vários seminários regionais, um seminário nacional e, como resultado, foram elaborados 34 papers, dos quais eu e Theotônio fizemos uma síntese geral.

b - Elaboramos e dirigimos, a pedido de Neiva Moreira, junto com Ruy Mauro Marini, a revista cultural Terra Firme, patrocinada pela Ed. Cadernos do Terceiro Mundo.

Foi uma revista, além de bela, de alto nível. As ilustrações do número 1º foram todas desenhadas pelas mãos criadoras de Wilma Martins, que trabalhou praticamente de graça, por puro entusiasmo. As entrevistas foram realizadas por nós mesmos, contando com a colaboração de Tetê Morais e Sílvio Tandler. O nosso trabalho, bem como os artigos, não foram remunerados, bem como não foram ressarcidos os gastos com interurbanos, fitas, táxis, etc. Pagávamos para produzir, mas, no Brasil, até com satisfação. Mesmo assim, e ainda com um longo período entre o 1º e o 2º número, por falta de recursos, a revista morreu. Foi mais uma grande frustração.

Finalmente, a última atividade interessante que desenvolvi, no final do governo Brizola, ademais dos cursos dos quais participávamos na FESP "lato sensu" para estudantes brasileiros e latino-americanos, foi a coordenação, do curso sobre "Administração da Segurança Pública", promovido e patrocinado por um convênio FESP - PMERJ.

Do mesmo participaram oficiais da P.M. que já haviam cursado a ESP (Escola Superior de Polícia) e convidados especiais por essa instituição, como da Polícia Civil e Federal, Corpo de Bombeiros e outras instituições de Segurança Pública.

Foi uma experiência diferente em minha vida acadêmica. No convívio de alguns meses com essas autoridades, creio que aprendi muito mais do que pude ensinar, nas conferências que ministrei. Pude descobrir muitas nuances, novas para mim, do "outro lado da moeda". O curso findou quando o novo

governo do Estado do Rio já havia sido eleito. A mim correspondeu realizar uma síntese conclusiva das monografias, que foram apresentadas pelos participantes no final do mesmo. As monografias eram de excelente nível e, para surpresa minha, a maioria continha denúncias fundamentadas e, algumas até revoltadas, diante da precária situação na qual trabalham os nossos agentes de segurança.

Essa síntese era destinada ao Governador. Quando o curso foi concebido, pensava-se que o mesmo seria Darcy Ribeiro. Porém, o vitorioso resultou ser o Sr. Moreira Franco.

Entreguei o manuscrito para ser datilografado na FESP, depois de conversar com o novo Diretor de Treinamento, Wagner Siqueira, que me recebeu muito bem. Nele estava demonstrado, pelas pessoas mais competentes para fazê-lo, o que o bom senso já dizia: era uma tolice querer acabar com a violência no Rio em seis meses - como preconizava o programa do novo governo - em base a repressão policial.

Fui procurada, em seguida, por um dos participantes do curso que me rogou que divulgasse o seu trabalho na imprensa, dizendo, para motivar-me, que isso me renderia o agradecimento de vinte mil homens da sua corporação. Mas havia um senão. O seu nome poderia constar como autor - seus superiores obviamente tinham conhecimento do seu conteúdo - mas não podia ser dito que ele havia autorizado a divulgação.

Ora, nesse caso, criava-se uma situação delicada. Se ele não assumia a responsabilidade, ela caberia a mim, a algum datilógrafo da FESP ou ao seu Diretor. Em princípio, qualquer trabalho patrocinado pelo poder público deve ser público mas, no Brasil, não é bem assim e eu não quis envolver-me em um vespeiro.

Devo mencionar, ainda nesse período, entre 1985 e 1986, três eventos para os quais fui convidada e que, para mim, foram experiências marcantes.

Primeiro, o Encontro da "Frente Continental de Mulheres", realizado em Havana, em 1985, reunindo por volta de umas 300 participantes, basicamente representantes de movimentos sociais e intelectuais.

O encontro foi dividido em várias comissões temáticas, a maioria por certo relacionadas à participação feminina na sociedade. Havia uma, porém, sobre a situação econômica do continente e foi nessa em que me inscrevi, junto com a amiga Heleieth Saffioti, pois já andávamos saturadas dos temas "tipicamente femininos". Nessa comissão, que era relativamente pequena, tivemos a oportunidade de desfrutar um convívio muito próximo com Fidel Castro.

Ele apareceu de surpresa na abertura dos trabalhos e de lá não arredou pé. Indisciplinado, interrompia várias oradoras, buscando, com sua argúcia, obter sempre um dado adicional. Fui a primeira a falar, relatando brevemente um histórico da situação do Brasil desde 1964 e, pela sua reação, parece que ele gostou da minha análise.

Em uma questão eu e Heleieth divergimos publicamente dele e, no ato, o chamamos de machista. Talvez tenha sido a primeira vez que isso tenha ocorrido em Cuba mas, obviamente ele gostou muito. Tratava-se da questão da restrição das vagas para mulheres nas Faculdades de Medicina. Ele esclareceu muito bem o assunto. No intervalo, saiu nos procurando no corredor, para saber se o seu esclarecimento havia sido satisfatório.

Pude constatar ao vivo o que já havia percebido há anos: Fidel é um ser humano diferente, hiper-dotado. Seu olhar magnético é como uma radiografia. Ele sabe com quem lida e como lidar.

Depois que o encontro terminou, tivemos a oportunidade de estar novamente com ele, para uma conversa informal na casa do Comandante Pinheiro e da Marta Harnecker. Os frutos que colhi dessa viagem não pararam aí. Havia ido a Cuba com a intenção de fazer entrevistas com mulheres que haviam desempenhado ou estavam desempenhando um papel relevante na guerra revolucionária ou no período de transição socialista. Propus esse projeto a Heleieth e a Beatriz Bissio, que concordaram em participar do mesmo. A idéia era organizar as entrevistas em forma de livro. Solicitei à Federação de Mulheres Cubanas que organizasse tais entrevistas, o que foi pronto implementado. Entrevistamos, eu e Heleieth, Wilma Espin, que substituiu Frank Pais, depois da sua morte, na coordenação da guerra revolucionária urbana, até que teve de ir para Sierra

Maestra, passando após o triunfo da revolução, a ser a Presidenta da F.M.C. (Federação de Mulheres Cubanas); Doris Tijerino, então chefe da Polícia Nacional da Nicarágua; finalmente, a última entrevista, que contou também com a participação de Beatriz, foi com a comandante guerrilheira Galia, de El Salvador. (\*\*)

No percurso de volta ao Brasil, sugeri que Heleieth - a especialista no tema mulher - fizesse a introdução ao livro. Ela aceitou e, numa entrevista que concedeu a Beatriz, em Lima, abordou amplamente o assunto. A entrevista, uma vez transcrita, forneceria não só o material que essa necessitava para sua revista, mas também para compôr a abertura do livro. A fita gravada, porém, foi perdida por Beatriz e a Safiotti não

---

(\*\*) Nessa oportunidade, eu formulei à mesma uma pergunta que havia feito à Doris (a maior parte da entrevista com Doris eu fiz sozinha, pois Heleieth chegou ao final e Beatriz se ausentou parte do tempo, pois só estava interessada em formular umas poucas perguntas para uma reportagem que preparava para a sua revista), porque pensava que era relevante para captar uma reação espontânea da mulher combatente: "o que você sente quando mata uma pessoa?" Doris me havia respondido objetivamente, mas Galia ficou pálida. Para mim foi uma surpresa, pois, afinal, esse fato cruel caracteriza a guerra. Heleieth e Beatriz desligaram simultaneamente seus gravadores - eu não havia levado gravador. Fiquei indignada e exclamei em português: "Pôxa! vocês estão estragando a minha entrevista!" Galia não entendeu nada e, por sorte, o telefone tocou para ela na hora. Ambas ofereceram retirar-se da entrevista que eu havia conseguido marcar. Tranquilei-as, dizendo que havia feito a mesma pergunta a Doris, que me havia respondido sem constrangimento. Quando Galia desligou o telefone, sentiu o ambiente de mal estar e então lhe expliquei o que havia passado. Ela me perguntou o que Doris havia respondido. Resumi a resposta de Doris para ela. Disse que havia sido no sentido de que, em combate, quando se atira uma bomba, por exemplo, não se sabe quantos e nem como foram atingidos, sabe-se por certo que são inimigos, mas eles não são personalizados. Com a minha explicação Galia ficou aliviada e disse apenas: "É a mesma resposta".

quiz, ou não teve mais tempo, para voltar a repetir suas reflexões.

Conservo ainda todos os materiais e, quem sabe, algum dia serão publicados, com introdução dela ou minha. Mas tenho um enorme desânimo de montar o livro, sem saber se será do interesse de algum editor, sobretudo numa época em que o socialismo está sendo tão abjurado.

Ainda dessa vez, em Cuba, realizei - não sei como - outra tarefa. Márcia C. Viana me havia pedido para levantar elementos de como o sistema educacional cubano equacionou, nos seus primórdios, a questão da rebeldia das crianças carentes. A necessidade de tais subsídios provinha do fato de que o primeiro CIEP inaugurado, localizado no centro do Rio, no Catete, chamado Tancredo Neves, estava sendo depredado pelos alunos.

Solicitei entrevistas com antigos educadores e pude elaborar um relatório de como tais problemas foram enfrentados pelos mestres e psicólogos daquela época. Não é possível aqui entrar em detalhes sobre o mesmo, mas, em linhas gerais, consolidava a mesma concepção diretora que havia sido elaborada por Darcy Ribeiro.

Em 1985, voltei novamente à Havana, dessa vez para participar de um "Encontro de Analistas Econômicos sobre a Dívida Externa da América Latina". (Não me lembro se o título exato era esse, pois, não possuo o convite). Fui convidada "em cima da hora" por telefone e não levei nenhum trabalho.

O evento foi de alto nível e, uma vez mais, tive a oportunidade de conviver com Fidel, que esteve presente em todas as reuniões. Para surpresa minha, identificou-me pronto em meio dos participantes e, furando o bloqueio de seguranças, dirigiu-se a mim, a cumprimentar-me de maneira carinhosa, reclamando de que eu não havia tomado a iniciativa. Tivemos, ao final do encontro, com um grupo bem restrito de participantes, uma reunião reservada com ele, da qual guardo, pelos temas que foram abordados e por suas agudas reflexões - muitas das quais não seria possível citar - profundas recordações.

Tinha a intenção de aproveitar a passagem e ir até o México, para defender finalmente a tese doutoral. Já estava tudo encaminhado quando, na véspera, ocorreu o terremoto. Recebemos em Cuba as primeiras notícias alarmantes e, em meio da preocupação que sentimos pelos amigos, rompeu-se essa expectativa.

Em fevereiro de 1986, fui convidada para ir à Nicarágua, participar, como intelectual, de uma reunião de partidos políticos latino americanos. (\*\*\*)

---

(\*\*\*) Meu companheiro também foi convidado e viajamos juntos. Quando lá chegamos, estavam reservados quartos separados para nós. Eles não sabiam que éramos casados, pois sempre mantive o meu próprio sobrenome. Recusamos o quarto supérfluo mas, fiquei feliz, uma vez mais, de saber que, como era usual sobretudo no exterior, eu era convidada por mim mesma. (Essas observações podem parecer supérfluas, mas, não são, em um país como o nosso. Aqui, entre os mais velhos - felizmente não mais entre os jovens - discrimina-se a mulher, sem mesmo saber-se que se está fazendo). Um bom exemplo proveniente da parte de um homem que é muito avançado politicamente: quando o Presidente Miguel de La Madrid veio ao Brasil, Brizola telefonou para o meu companheiro, convidando-o para um almoço que seria oferecido por ele ao então

Não posso aqui entrar em detalhes sobre o evento, mas devo mencionar uma experiência rica e inesquecível. Logo que chegamos, Tomás Borges, convidou a mim, a Theotônio dos Santos e a Carlos Araújo (representante do PDT na reunião) para passarmos um domingo com ele. Fomos para uma casa, semi-vazia, na beira do rio onde ele fazia suas costumeiras travessias. Ademais, o que parecia ser costume, havia alguns poetas. Na hora do almoço, atravessamos toda a praia e fomos comer em um restaurante rústico e delicioso, cuja especialidade era lagosta. No caminho, as pessoas cumprimentavam Tomás - que não dispunha de nenhuma segurança e estava em traje de banho - com uma certa discreção e constrangimento, como se estivessem respeitando seu dia de lazer.

O que ele queria, no fundo, ademais por certo de conhecer-nos, eram duas coisas: primeiro, que propusessemos no Encontro a reativação da COPPPAL; segundo, ser convidado para vir ao Brasil, por ocasião do Congresso da ALAS, da qual Theotônio era presidente. Na realidade, ele não estava muito interessado no Congresso, mas queria um pretexto para vir ao Brasil.

A primeira sessão do encontro, como os dois companheiros não se manifestassem, senti necessidade, ao terminar minha intervenção, de fazer a proposição que ele queria e fui muito aplaudida. Durante um intervalo, o comandante Bayardo Arce,

---

Presidente e no qual queria que estivessem presentes os intelectuais brasileiros que viveram exilados no México. Em seguida, pediu para falar comigo, para me explicar que eu não estava convidada, porque o protocolo mexicano havia sugerido que as esposas não fossem. E o pior foi que ele ainda acrescentou, candidamente: "Você sabe, esses mexicanos são muito machistas".

do alto da sua figura esbelta e garbosa, me comunicou que estava tudo bem. Pena que não passou de uma aprovação formal, pois não foi implementada na época. As circunstâncias políticas de então não permitiam o seu desdobramento.

Quanto ao convite para Tomás vir ao Brasil, teve curso, não via ALAS, mas em nome do Governo do Estado do Rio de Janeiro, apesar de todas as preocupações do FSLN. Quando ele chegou, estivemos juntos de novo, informalmente, no Hotel Glória. Participou da abertura do Congresso e, pelo que consta, para desespero do Brizola, tomou de improviso o seu banho na praia do Flamengo, sem nenhuma segurança. Ele, com a fama de inflexível que tem, foi, entre os grandes personagens históricos de conheci - muitos dos quais não mencionei, para não alargar demasiado o texto - o que pareceu-me mais simples e cativante.

A partir de março de 1987, para não ficar desempregada, fui requisitada para trabalhar na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, na Superintendência de Planos Locais. Isso ocorreu na "hora do gongo" do governo Brizola, por iniciativa de companheiros que eu até então não conhecia pessoalmente. Fiquei feliz quando soube, posteriormente, que havia sido requisitada, também para a Secretaria Municipal de Cultura, por pedido de Darcy, ao secretário, mas eu só tomei conhecimento disso, semanas depois.

Na SPL, com excessão minha e de outra economista e um engenheiro, todos eram arquitetos. Lá, todos trabalhavam muito e com a motivação que era incentivada pelo jovem e brilhante

diretor, João Paulo Dutra. A superintendência era encarregada de definir os "Planos de Estruturação Urbana", vale dizer, ordenar o crescimento das regiões da cidade. Era um trabalho especificamente técnico, porém, com uma orientação política subjacente. No começo, fiquei meio atônida, pois não entendia absolutamente nada do assunto. Contudo, fui superando minhas limitações, devido à solidariedade dos colegas e, assim, pude ir descobrindo os aspectos do trabalho coletivo onde eu poderia dar uma contribuição. Mas oferecia-me para fazer de tudo que fôsse necessário e aprendi até a colorir, razoavelmente, mapas de zoneamentos.

Durante um período, fui designada para fazer visitas às mais importantes associações empresariais, na busca de materiais complementares para a elaboração dos PEUs (Planos de Estruturação Urbana). Como técnica da Secretaria eu e algum colega, que sempre me acompanhava, éramos extremamente bem recebidos. Pude logo perceber o por quê. Os PEUs naturalmente interferiam nos interesses de muitos setores empresariais.

Esses eram virtualmente secretos, até a sua publicação no D.O. para que não houvesse interferência ou pressões. A orientação da Superintendência, pelo menos naquele período, era a de conter o crescimento desordenado e preservar as características das zonas habitacionais, impedindo o seu gigantismo, o que significava conter a especulação imobiliária desenfreada. Era a época do Plano Cruzado II e os negócios imobiliários, sem dúvida, eram dos melhores investimentos.

Para mim, estava bem claro que, devido ao aumento dos preços dos imóveis, havia uma tendência de deslocamento da classe média da zona sul para a zona norte, acentuando, nessa região, a especulação. Destacar esse aspecto era importante, pois zonas urbanas, relativamente tranquilas, pronto deveriam ser muito valorizadas, acentuando-se o risco da proliferação desordenada dos "espigões".

Minhas análises foram adquirindo certa importância na Secretaria, sobretudo na medida em que fui descobrindo que a melhor maneira de se expressar, para um arquiteto, não é através do texto escrito, mas das formas visuais, gráficas, objetivas e sintéticas, dos quadros e das curvas.

Começava a entender todo esse novo idioma, quando, ao final de 1987, fui reintegrada à Universidade de Brasília. Deixei a Secretaria com muita pena. Ali vivi uma experiência nova de trabalho. Aprendi muito e convivi com uma equipe que, por cima de um grande leque ideológico, era sobretudo profissional.

Devo ainda mencionar duas experiências acadêmicas no Rio, ainda em 1987. Uma, de novo no Instituto Bennet, onde meu amigo José Nilo Tavares me indicou por solidariedade, para um curso que tradicionalmente ele dava, não me lembro em que matéria. Era um curso noturno. Dei um par de aulas e desisti. Tinha de voltar para casa depois das 10:00 p.m. de táxi, de Botafogo a São Conrado. Descobri pronto que estava pagando para lecionar e tive de abandonar o curso, para a decepção dos alunos que estavam gostando das aulas.

Outra, foi na Universidade Cândido Mendes. Esta era mais perto, ministrava dois cursos seguidos, podia voltar para casa, de ônibus ou de carona. Apesar do cansaço - chegava em casa literalmente moída - compensava por razões econômicas. Afinal, o salário de um funcionário municipal era muito baixo e eu tinha me separado do meu companheiro. Tinha de manter sózinha a casa, o filho que comigo morava, a empregada, o filho da empregada e um par de cachorros enormes. Ademais, volta e meia enviava algum dinheiro para o meu pai, que vive em Minas Gerais e então já tinha 90 anos e quatro filhos, que estudavam. Aluguei um quarto da casa para um escultor, que ia pouco ao Rio e, afinal, ficamos até amigos. Até hoje não sei como sobrevivemos. Se a reintegração na UnB não houvesse acontecido eu teria tido, compulsoriamente, de me refugiar de novo em alguma universidade estrangeira. Foi um período no qual a minha produção acadêmica foi irrelevante. Até então, tudo indicava que no Brasil não havia lugar seguro para mim.

Logo após reassumir formalmente em Brasília, em meados de dezembro de 1987, como era época de férias, viajei em janeiro para o México, com o objetivo de defender a minha tese de doutorado, cumprindo assim o último ritual para a obtenção do título. Pela primeira vez, tive de comprar uma passagem para viajar por razão acadêmica e lá cheguei com 40 dólares na bolsa. Na cidade do México, recebi direitos autorais atrasados, fiquei na casa dos amigos Raquel e Roberto Morales, que colocaram um carro e um motorista a minha disposição. Foi por isso, ademais da

solidariedade infinita de amigos e colegas da Divisão de Estudos de Pós-graduação, que pude fazer todos os trâmites no labirinto burocrático e apresentar a tese vinte dias depois. Devo agradecimentos, em particular, à Dra. Rosa Cunsminski e a secretária Consuelo, que conseguiu superar todos os obstáculos ocasionados pela mudança do prédio que o Departamento realizava naquele momento, abrindo infundáveis pacotes para encontrar toda a documentação, datilografando, no meio da desordem e da poeira, os ofícios e pareceres que deveriam ser encaminhados, enfim, uma maratona, que a levou exclamar ao final: "Só fiz isso para você, que sempre me tratou muito bem".

Nunca nenhum mexicano, segundo comentários feitos então, para quem os trâmites eram mais fáceis, havia logrado aquela façanha. A bota nova, que havia levado para enfrentar o inverno, ficou moída de tanto caminhar sobre as pedras da UNAM, em lugares onde carro não chega e, ao final, abandonei-a, com prazer, em uma lata de lixo.

A defesa da tese foi monótona, comparada com a apresentação da candidatura. Era o mesmo trabalho, ao qual acrescentei um anexo de cerca de 100 páginas, onde discuto as principais contribuições teóricas à teoria do socialismo pós Marx, Engels e Lênin. Apesar de que o jurado havia sido quase todo renovado, (faziam parte José Luís Ceceña, Sérgio de la Peña, Bolívar Echeverría, Rosa Cunsminsky e Leonel Coronal Treviño) as questões levantadas foram poucas e, decidiram logo, como não

havia questionamentos, suspender o exame para aprovar-me com "menção honorífica".

Alguns meses depois, quando já estava trabalhando na UnB, o Jornal do Brasil, em uma edição dominical, estampou uma nota bem destacada, assinada por Helena Daltro, sobre a Universidade. Nela, entre outras besteiras, dizia que os reintegrados almejavam transformar-se em titulares e, citava o meu nome como líder, para em seguida agregar que eu era apenas "candidata a doutor". Fiquei indignada pela duas mentiras, pois, ademais de já possuir o título formal de doutor, eu não havia liderado nada nesse sentido e nem existia, que eu soubesse, entre os reintegrados que não tinham condições para tal, essa pretensão.

Conversei com o reitor e com o vice-reitor em exercício e este promoveu uma reunião com a jornalista, oferecendo-me ainda desmentir a nota no Boletim da Universidade. A jornalista se desculpou, disse que havia obtido a informação pelo curriculum que eu havia entregue na época da reintegração... Pareceu-me estranho - como haveria de ter acesso a isso? - e a chamei de pouco profissional. Procurei então o Diretor da sucursal do jornal em Brasília, Sr. Etevaldo Dias, exigindo uma retratação. Ele me disse que isso não ocorreria e, diplomaticamente, ofereceu-se para fazer publicar um artigo meu, sobre qualquer tema, indicando abaixo o meu título de doutor. Dava-me quatro dias para isso. Eu andava muito ocupada com pesquisa, tinha de viajar e, acabei não enviando nada para ele.

Como me arrependo de não haver entrado imediatamente na justiça! mas, esqueci.

Tempos depois, o procurei de novo, com um artigo no qual comparava a política gorbacheviana com a leninista, titulado "Lênin: esse desconhecido". Ele o leu de imediato. Disse-me que estava excelente e, que o enviaria para o suplemento Idéias, para ser publicado na mesma semana. Não foi. Após semanas, telefonei para ele, perguntando o que havia acontecido, respondeu-me que a pauta do suplemento estava lotada e que poderia levar uns dois meses para sair, mas, se eu quisesse, estava liberada para buscar outro veículo. Disse-lhe que assim ia fazer e pedi ao mesmo para jogar a cópia que tinha no lixo. "Não", disse ele, "vou conservá-lo em meus arquivos".

#### 8. A Volta à Brasília

A reintegração, como é sabido, foi concebida pelo ex-reitor Cristóvam Buarque, um personagem altaneiro, cuja visão sobressaiu por sobre a mediocridade da engrenagem burocrática universitária, montada na época da ditadura. Foi implementada pela Profa. Geralda Dias, que lhe dedicou seus melhores esforços para que fosse equânime. É importante registrar isso aqui, pois com ela foi subsanada, em parte, uma injustiça histórica. As perdas mais profundas, jamais se recuperam.

Apesar do convite da Profa. Adalgisa M. V. do Rosário, Chefe do Departamento de História, fui convencida por

Ruy Mauro Marini a ir para o Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais. Fui muito bem recebida pelo então chefe do Departamento, David Fleischer e, em geral, pelos professores e pelo pessoal administrativo. Talvez um ou outro, por sectarismo ideológico, tenha se sentido incomodado com a presença dos reintegrados, mas nunca manifestaram isso de maneira direta.

Mas a acolhida mais significativa foi a oferecida pelos alunos, que sempre se motivaram com as minhas aulas (o que ficou ademais demonstrado na "avaliação do professor", promovida em 1988, que esta incluída na documentação anexa).

Logo que cheguei, comecei a dar aulas para a graduação e pós-graduação. Os cursos foram variando de semestre em semestre, permitindo que os alunos mais interessados em meu estilo de docência, fizessem mais de um curso comigo; assumi logo a orientação de uma tese que resultou em um excelente trabalho, ademais de participar em bancas de exame não só do Departamento, mas também no de História e Economia, bem como na seleção de mestrandos para Ciência Política, além de ser convidada, várias vezes, para dar conferências em cursos, ministrados em outros departamentos, ou eventos por eles promovidos, por exemplo, no curso de Doutorado, organizado pelo Departamento de Sociologia e a FLACSO; no curso de especialização para a Polícia Federal, organizado pelo Departamento de Administração; em curso no Departamento de Comunicação; na Faculdade de Ciências da Saúde, no Núcleo de Estudos em Saúde Pública; no Núcleo de Estudos da

América Latina; em vários cursos no Departamento de História, etc.

Como sempre foi uma praxe em minha carreira, aliei a docência à pesquisa. Durante os anos de 1988, 1989 e 1990, desenvolvi dois projetos de pesquisa. Um sobre "Os movimentos sociais no Brasil no período da Abertura Política", patrocinado pelo CNPq. Este projeto não foi concluído, porque, "devido à restrição financeira", a instituição não teve condições de renovar o financiamento; outro, sobre "Os movimentos sociais e o déficit público - A dívida social, a miséria, seus efeitos e conseqüências", patrocinado pelo ILDES (Instituto Latino Americano de Desenvolvimento Econômico e Social) que foi concluído e está, há vários meses, por ser publicado pelo Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais. Não tive maiores dificuldades em realizá-lo, porque dispus de todos os meios materiais necessários. As instituições de pesquisa alemãs são, em geral, muito sérias e sabem obter o retorno dos seus investimentos. Quando aprovam um projeto, designam todos os recursos básicos para o seu andamento e o acompanham, passo a passo, até a sua conclusão.

O desenvolvimento dessa pesquisa foi muito interessante, pois o ILDES promovia, periodicamente, reuniões no Rio de Janeiro, com os pesquisadores que estavam fazendo projetos correlatos, por ele patrocinados, sobre a situação econômica e suas derivações sociais no país. Tivemos assim a oportunidade de participar, em muitos debates periódicos, com economistas de alto

nível, tais como Eduardo M. Suplicy, Tito Ryff, César Maia, Maria Silvia Bastos Marques, Paulo Nogueira Batista Jr., entre outros.

No nosso trabalho, a hipótese que tratamos de comprovar, era a de que, não são as reivindicações dos movimentos sociais que incentivavam o déficit público; ao contrário, os mesmos são vítimas desse déficit, provocado sobretudo pela descapitalização do país devido ao pagamento da dívida externa que aprofunda a enorme dívida social.

Com os acontecimentos do Leste-Europeu me interessei de novo pelo tema do socialismo, especificamente sobre a crise do socialismo real e a crise atual do marxismo. Penso desenvolver, o mais rápido possível, um novo projeto de pesquisa sobre essa temática.

#### 9. A Modo de Conclusão.

Como tratei de mostrar, é impossível desvincular a minha vida acadêmica das circunstâncias políticas que a marcaram. O fato de ser filha de comunista perseguido; de haver vivido o impacto da Revolução Cubana no continente; de ter de deixar a UnB e, em seguida, me exilar, devido as conseqüências do golpe de 1964; de haver participado da experiência da Unidade Popular no Chile e, de ser obrigada a exilar-me de novo no Panamá e logo no México; de voltar para o Brasil, após a anistia de 1979, retornando a Minas Gerais, e fazer política local; de mudar para o Rio de Janeiro para colaborar com o novo governo; de retornar a

Brasília, com a reintegração dos professores, no processo de abertura política, vem imprimindo à minha existência contornos sui-generis.

Ela sempre foi assim, cheias de idas e vindas. Nunca pude me sentir estável em algum lugar. Houve sempre a sensação de provisório. Penso que, quiçá até felizmente, como a personagem de Alejo Carpentier, depois de tantos fatos não-usuais ocorridos na minha vida, ela foi sempre como o autor diz: a de muitos "hombres y mujeres de destinos modificados, transformados, revertidos o superados, con su anuencia o sin ella, por la Historia de nuestro siglo". (La Consagración de la Primavera, Siglo XXI, México, 1978).

O balanço que faço, até agora, me parece mais do que satisfatório e até mesmo acima da média. Vejamos, em síntese, por quê.

Orientei várias teses, a nível de licenciatura, mestrado e doutorado, (a maioria dos comprovantes estão na documentação anexa, outros foram perdidos e sequer me lembro do nome completo de alguns orientandos e o título preciso de seus trabalhos). Muitas foram publicadas em editoras latino-americanas. Além disso, participei da discussão de vários projetos (1).

As minhas obras foram mencionadas por inúmeros autores, seja diretamente nos textos, seja em notas de pé de página ou na bibliografia (2).

Muitos desses trabalhos já não os possuo e não poderei sequer mencioná-los, pois não guardo as referências bibliográficas na memória. Dos autores que me citam, a maioria são estrangeiros e poucos de seus livros se encontram no Brasil.

Porém, o que considero mais relevante é o fato de que a minha contribuição à teoria da dependência, somada a de outros autores - em particular Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos - conformou uma corrente de pensamento marxista sobre a interpretação do capitalismo dependente, com grande penetração em quase todos os países latino americanos, em vários países da Europa, na URSS, nos EUA e Japão, exercendo influência na formação das novas gerações.

Vou mencionar apenas algumas indicações concretas disso, que considero, pelo menos dentre as que eu conheço, as mais relevantes:

- O debate sobre as nossas obras, realizado no Instituto de América Latina da Academia de Ciências da URSS, reproduzido na revista América Latina, nº 11 de 1984, nº 12 de 1985 e nº 3 de 1986. (3).

- Um outro debate foi realizado nos anos setenta no Instituto de Economia Mundial da URSS, dando origem a um livro que não foi traduzido e que não tenho o exemplar russo. Este foi particularmente importante, pois, pelo que um dos seus participantes - Kiva Maidanic - me informou, nele tratou-se de projetar as nossas teses para a interpretação de todo o III Mundo Capitalista.

- A tese doutoral do filósofo Luigi Bordin, que pronto se transformou em livro (4), para o qual tive a honra de fazer o prólogo. No mesmo, o autor trata de empreender a fusão entre a teoria marxista da dependência e a teologia da libertação. Discípulo de Leonardo Boff, Luigi demonstra como ambas se complementam necessariamente e como essa complementação é definitiva para orientar a luta pela superação do capitalismo dependente.

- O recente livro de Cristóvan Kay (5) onde destaca o aporte de nossa contribuição, como corrente de pensamento, para a compreensão do capitalismo latino-americano.

Quanto às nossas contribuições no âmbito da teoria e da estratégia e tática socialista, a extensão do seu impacto é mais difícil de avaliar, pois se exerceu sobre uma ampla militância política, disseminada em várias partes.

O paradoxal é que, apesar de que o nosso pensamento tenha percorrido boa parte do mundo afora, no Brasil, a não ser por via oral - aulas e conferências - ele não teve quase nenhuma divulgação e, portanto influência.

No meu caso específico, um entrave entre outros, por parte das editoras, - as restrições aos textos marxistas, dificuldades financeiras para edição de livros escritos em outras línguas - deveu-se a que contratei os serviços da agência literária de Carmen Balcells, a quem fui apresentada certa vez em Cuba, por Gabriel Garcia Marquez e sua mulher Mercedes. A agência de Carmen é profissional, funciona maravilhosamente, sobretudo a

sua matriz na Espanha, para best-seller em literatura mas, no Brasil, e sobretudo, em ciências sociais, os editores brasileiros não querem "nem saber"... Menciono tudo isso porque, muitas pessoas, sobretudo alunos, perguntam a razão de não termos praticamente nada editado aqui.

Talvez tenha muita procedência a constatação do sociólogo equatoriano Agustín Cueva: "En algunos casos, como el de Brasil, los militares simplemente cortaron culturalmente al país del resto de Latinoamérica. Paradoja de la historia: entre 1964 y 1979, mientras esa nación adquiria para nosotros corporeidad y presencia casi cotidiana através de sus brillantes intelectuales exiliados, para los brasileños "del interior" nosotros éramos un perfil fantasmagórico, para no decir una pura ausencia. De hecho, ni los mismos intelectuales brasileños del exilio eran conocidos en su tierra, en parte porque la censura dictatorial lo impedia y en parte también - aunque de pena decirlo - porque sus colegas del interior al principio no querían correr el riesgo de difundirlos y, después, cuando tal riesgo habia desaparecido, preferían reinar sin concurrencia. En todo caso, el corte cultural fue intenso y las ciencias sociales brasileñas están profundamente marcadas por él: la sociología radical, revolucionaria, terminó con la generación que tiene de 45 años para arriba. ("Sobre Exílios y Reinos", ponencia para el Primer Encuentro Latinoamericano y del Caribe de Científicos Sociales, Caracas, del 26 al 29 de octubre de 1988).

Brasília, abril de 1991.

10 - Notas

- (1) Cito apenas alguns exemplos : a tese de licenciatura na Facultad de Economía, UNAM, de Jesus Antonio Juarez, Las Corporaciones Transnacionales y los Trabajadores en México, 1978, publicada por siglo XXI Ed., México, 1979; a tese de doutorado em sociologia, na Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, UNAM, Jeronimo Federico Segovia, Origen y Desarrollo de las Clases Sociales en Paraguay (1870 - 1904), 1978; a tese de doutorado em sociologia, na mesma facultade, de Manuel Rojas Bolanos, Classes Sociales y Lucha de Classes en Costa Rica (1940-1948), 1977, publicada com o título Lucha Social y Guerra Civil en Costa Rica (1940-1948), Ed. Porvenir S.A., Costa Rica, 1979; a tese de mestrado no Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais, UnB, 1990, de Silvânia Vieira Miranda, Movimento Sindical Bancário no Novo Sindicalismo: Um Estudo de Caso, etc. Atualmente, estou orientando a tese de mestrado de Hélio Marcos P. Doyle, do Departamento de Comunicação da UnB, "O Poder Popular em Cuba" e a de Francisco de Assis, do Depto. de Ciência Política, em princípio sobre o mesmo tema.
- (2) Vou mencionar apenas os autores cujos livros ou artigos tenho em mãos: Ruy Mauro Marini, Dialéctica de la Dependencia, Ed. Era México, 1973; Theotônio dos Santos, Imperialismo y Dependencia, Ed. Era, México, 1978; Dependencia Economica y Cambio Revolucionário en América Latina, Ed. Nueva Izquierda, Caracas, 1970; Brasil; La Evolución Histórica y la Crisis del Milagro Economico, Ed. Nueva Imagen, México, 1978; Jesus Antonio Juarez, Las Corporaciones Transnacionales y los Trabajadores en México, Siglo XXI Ed., México, 1979; Manuel Rojas Bolaños, Lucha Social y Guerra Civil en Costa Rica (1940-1948), Ed. Porvenir S.A., Costa Rica, 1979; Trivo Indič, "Vania Bambirra, The Theory of Dependence: An Anti- Critique", Socialism in The World, Cavtat, Yugoslavia, nº 13, 1978; Gustavo Rodriguez O., De la Cepal a la Teoria de la Dependencia - Un Esquema Decriptivo, I.E.S.E., Cochabamba, 1979; Oscar Waiss, Del Colonialismo a la Revolución - Breve Historia de América Latina, Ed. Zero, Bilbao, Espanha; J. Samuel Valenzuela e Arturo Valenzuela, "Modernization and Dependency - Alternative Perspectives in the Study of Latin American Underdevelopment", Comparative Politics, the City University of New York, volume 10, nº 4, 1978; Carlos Altamirano, Dialéctica de Una Derrota, siglo XXI Ed., México, 1977; Agustín Cueva, El Desarrollo del Capitalismo en América Latina, Siglo XXI Ed., México, 1978; Luiz Roberto Lopez, História da América Latina, Ed. Mercado Alberto, Porto Alegre; Miroslav Pecujlic, "O Futuro Destino ou Criação Humana, Terra Firme, nº 1, Rio de Janeiro, 1985; Vladímir Davydov "Nueva Rouda de Debates Acerca de la

Dependência", América Latina, Ed. Progreso, Moscú, nº 11, 1984; "Que es la 'Teoria de la Dependencia'?", América Latina, Ed. Progreso, Moscú nº 12, 1985 e nº 3 de 1986; Lucrecia Lozano, De Sandino al Triunfo de la Revolución, Siglo XXI Ed., México, 1985; Luigi Bordin, O Marxismo e a Teologia da Libertação, Ed. Dois Pontos, Rio de Janeiro, 1987; Juan Carlos Portantiero, "O Marxismo Latino-Americano", História do Marxismo, org. por Eric J. Hobsbawm, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1989; Cristóbal Kay, Latin American Theories of Development and Underdevelopment, Routledge, London and New York, 1989; Darcy Ribeiro, Aos Trancos e Barrancos - Como o Brasil deu no que deu, Ed. Guanabara Dois, Rio de Janeiro, 1985; René A. Dreiffus, A Internacional Capitalista: Estratégia e Tática do Empresário Transnacional - 1918-1986 - Espaço e Tempo, Rio de Janeiro, 1986; etc.

- (3) Refiro-me aos trabalhos de Vladímir Davydov, op. cit.
- (4) Op. cit.
- (5) Op. cit